

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

Tão Perto e Ainda Tão Distante

– as percepções de estudantes secundaristas de escolas públicas de Seropédica-RJ sobre o ingresso no Ensino Superior.

Joyce Gomes de Carvalho

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TÃO PERTO E AINDA TÃO DISTANTE
– AS PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS DE
ESCOLAS PÚBLICAS DE SEROPÉDICA-RJ SOBRE O INGRESSO
NO ENSINO SUPERIOR.

JOYCE GOMES DE CARVALHO

Sob a orientação da professora
Elisa Guaraná de Castro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Ciências Sociais**, no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Novembro de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C331t Carvalho, Joyce Gomes de , 1984-
Tão Perto e Ainda Tão Distante - as percepções de
estudantes secundaristas de escolas públicas de
Seropédica-RJ sobre o ingresso no Ensino Superior /
Joyce Gomes de Carvalho. - Araruama, 2019.
95 f.

Orientador: Elisa Guaraná de Castro.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PPGCS - Ciências Sociais, 2019.

1. Acesso ao Ensino Superior. 2. Estudantes
Secundaristas. 3. Seropédica. 4. Ensino Médio. I.
Castro, Elisa Guaraná de, 1968-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PPGCS -
Ciências Sociais III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JOYCE GOMES DE CARVALHO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 13/11/2019

Documento assinado digitalmente
 **ELISA GUARANA DE CASTRO**
Data: 17/10/2023 10:50:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Elisa Guaraná de Castro Dra. UFRRJ
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **NALAYNE MENDONÇA PINTO**
Data: 16/10/2023 09:26:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nalayne Mendonça Pinto Dra. UFRRJ

Documento assinado digitalmente
 **REGINA CELIA REYES NOVAES**
Data: 13/10/2023 17:29:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Regina Célia Reyes Novaes Dra. UFRJ

*À minha mãe e meu pai, pela
simplicidade no afeto*

À Elisa, por todo aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a minha orientadora, prof^a Dra. Elisa Guaraná de Castro, pela dedicação, empenho e atenção em toda essa caminhada. Sinto imensa gratidão por toda essa vivência.

Agradeço ao meu pai e minha mãe, Celso e Aleni e aos meus irmãos, Graziella (Ziella) e Tiago que sempre compreenderam minhas ausências e acreditaram que tudo isso era possível.

Aos amigos, Cláudio, Bruna, Jaqueline e Tarcio, pela simplicidade da amizade e pelo ouvir nos momentos de solidão e dureza que é a escrita.

À professora Dra Nalayne Mendonça Pinto, por sua atenção e disponibilidade em contribuir no processo que resultou nesse trabalho.

Agradeço aos “meus e minhas” residentes, futuros colegas de profissão, Pedro Gabriel, Bianca, Juliana Nunes, Igor, Laiza, Crislaine, Juliana Boti, Juliana Pinheiro e Gabrielly, que ao longo de toda essa jornada foram sorrisos, aprendizados, trocas de conhecimento e muito apoio nos momentos difíceis.

À minha direção e coordenadora pedagógica Sandra, Ciep 155 – Maria Joaquina de Oliveira, pela cumplicidade e apoio no trabalho.

À Beatriz, ou simplesmente Bia. Pelo amor e afeto nos dias difíceis.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

CARVALHO, Joyce Gomes. **Tão perto e ainda tão distante – as percepções de estudantes secundaristas de escolas públicas de Seropédica-Rj sobre o ingresso no Ensino Superior.** 2019, 96 Páginas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as expectativas de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio da rede pública estadual de Seropédica a respeito de suas projeções quanto ao ingresso no Ensino Superior, e mapear possíveis expectativas no que tange ao interesse em ingressar na UFRRJ. Nesse sentido buscou-se desenvolver uma análise quantitativa, baseada na aplicação de questionários para realização do perfil socioeconômico desses estudantes e mapeamento de dados referente a questões relativas ao ingresso na universidade; e, qualitativa, a partir da realização de entrevistas com ingressos da UFRRJ oriundos dessas escolas. A fim de atender aos objetivos propostos, foi de grande relevância a análise das trajetórias escolares, dos processos de exclusão de segmentos populares quanto ao ingresso no Ensino Superior no Brasil no contexto das políticas de expansão e acesso as universidades públicas nos últimos quinze anos. Ainda, buscou-se analisar a relação que as redes de sociabilidades, construídas por estudantes pertencentes a segmentos populares em suas trajetórias, repercutiram no processo de ingresso na universidade. As representações apresentadas em narrativas de professores e diretores das unidades escolares que compõe o universo de estudo, frequentemente associam seus estudantes a imagem de um jovem desinteressado pelos estudos, e também pelo ingresso no Ensino Superior. No entanto, os dados coletados em campo apontam para uma realidade distinta dessas narrativas, onde *fazer faculdade* aparecer como interesse circunstancial e circunstanciado.

Palavras-chave: Ensino Superior; Ensino Médio; Seropédica; UFRRJ.

ABSTRACT

CARVALHO, Joyce Gomes. **So close and yet so far - the perceptions of high school students from public schools in Seropédica-RJ about entering Higher Education.** 2019, 96 Pages. Dissertation (Master in Social Sciences). Institute of Human and Social Sciences, Department of Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

This research aimed to analyze the expectations of students in the third year of high school in the state public network of Seropédica regarding their projections regarding admission to Higher Education, and to map possible expectations regarding the interest in joining UFRRJ. In this sense, we sought to develop a quantitative analysis, based on the application of questionnaires to carry out the socioeconomic profile of these students and data mapping referring to questions related to entering the university; and, qualitatively, based on interviews with UFRRJ students coming from these schools. In order to meet the proposed objectives, the analysis of school trajectories, the processes of exclusion of popular segments regarding entry into Higher Education in Brazil in the context of expansion policies and access to public universities in the last fifteen years was of great relevance. Still, we sought to analyze the relationship that the sociability networks, built by students belonging to popular segments in their trajectories, had repercussions in the process of entering the university. The representations presented in the narratives of teachers and directors of the school units that make up the universe of study, often associate their students with the image of a young person uninterested in studies, and also in entering Higher Education. However, the data collected in the field point to a reality different from these narratives, where making college appear as a circumstantial and circumstantial interest.

Keywords: University education; High school; Seropedic; UFRRJ

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CECIERJ – Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro

COINFO – Coordenadoria de Informática

CTUR – Colégio Técnico da Universidade Rural

DECAMPD – Departamento de Educação do Campo, Movimentos Sociais e Diversidade

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituição de Ensino Superior

IFES – Instituição Federal de Ensino Superior

IFRJ – Instituto Federal do Rio de Janeiro

INEP – Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa

LEC – Licenciatura em Educação do Campo

MEC – Ministério da Educação

NEJA – Nova Educação de Jovens de Adultos

PAT – Pavilhão de Aulas Teóricas

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PPGCS – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

PROGRAD – Pró Reitoria de Graduação

REUNI – Reestruturação e Expansão das Instituições de Ensino Superior

SEEDUC – Secretaria de Estado de Educação

SISU – Sistema de Seleção Unificado

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Progressão anual do número de inscritos no Enem, oriundos da rede pública estadual, segundo localidade de origem e/ou moradia na Baixada Fluminense	35
Tabela 2 – Progressão anual do número de ingressos na UFRRJ segundo localidade de origem e/ou moradia na Baixada Fluminense.....	36
Tabela 3 - Progressão anual de matriculados na UFRRJ oriundos da Baixada Fluminense 2007-2018.....	37
Tabela 4 – Progressão anual de matriculados na UFRRJ segundo dependência administrativa 2010-2018.....	37
Tabela 5 - Progressão anual do número de inscritos no Enem oriundos da rede estadual de Seropédica segundo o número de matriculados na UFRRJ 2009-2018	38
Tabela 6 - Cursos Técnicos e de qualificação e aperfeiçoamento profissional	51
Tabela 7 - Bairros segundo município de moradia	88
Tabela 8 - Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)	89
Tabela 9 - Ocupação da Mãe	90
Tabela 10 - Ocupação do Pai	91
Tabela 11 - Ocupação do responsável	92
Tabela 12 - Cursos de qualificação e aperfeiçoamento profissional realizados pelos estudantes	92
Tabela 13 - Ocupação dos estudantes entrevistados	93
Tabela 14 - Cursos de interesses por área de concentração	94
Tabela 15 - Cursos de interesse entre os estudantes entrevistados %	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos estudantes segundo escola de origem %.....	39
Gráfico 2 - Turno que estuda %.....	40
Gráfico 3 - Município de moradia %.....	41
Gráfico 4 - Distorção série-idade entre estudantes do 3º ano - 2006 a 2018 %.....	42
Gráfico 5 - Cor/raça %.....	43
Gráfico 6 – Adesão religiosa%.....	44
Gráfico 7 – Número de pessoas por residências %.....	45
Gráfico 8 - Responsável legal dos estudantes %.....	46
Gráfico 9 - Escolaridade da população de Seropédica de 25 anos ou mais %.....	47
Gráfico 10 - Escolaridade dos responsáveis (pai, mãe e outros) %.....	47
Gráfico 11- Renda mensal familiar %.....	49
Gráfico 12 – Origem da dependência administrativa no Ensino Fundamental e Médio% (mudar gráfico, inserir legenda).....	50
Gráfico 13 - Estudantes com experiência de trabalho durante o Ensino Médio %.....	51
Gráfico 14 - Estudantes que pretendem fazer faculdade %.....	53
Gráfico 15 - Estudantes inscritos no Enem 2018 %.....	54
Gráfico 16 - Estudantes que estão fazendo curso preparatório para o Enem %.....	54
Gráfico 17 – Quem incentiva a fazer faculdade %.....	55
Gráfico 18 – Área de concentração dos cursos pretendidos %.....	55
Gráfico 19 – Percepção sobre o grau de interesse entre estudantes da sua escola em fazer faculdade %.....	56
Gráfico 20 – Percepção sobre o grau de interesse entre estudantes de Seropédica em fazer faculdade %.....	56
Gráfico 21 - Qual seu grau de interesse em ingressar na Rural %.....	57

Gráfico 22 - Percepção sobre o grau de interesse dos estudantes da própria escola em ingressar na Rural %.....	57
Gráfico 23 - Percepção sobre o grau de interesse dos estudantes de Seropédica em ingressar na Rural %.....	58
Gráfico 24 - Avaliação do nível de conhecimento adquirido no Ensino Médio %.....	58
Gráfico 25 – Avaliação do nível de conhecimento para realização do Enem %.....	59
Gráfico 26 – Principais motivos que influenciam estudantes de Seropédica a não fazer faculdade %.....	60
Gráfico 27 – Expectativa e desejos entre os estudantes após conclusão do Ensino Médio %.....	63

Sumário

INTRODUÇÃO	14
O desenho metodológico e apresentação dos instrumentos de pesquisa	16
O Questionário	17
Reflexões sobre o Trabalho de Campo	21
Estar em Campo	23
CAPÍTULO 1 – A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: CAMINHOS INVESTIGATIVOS	26
1.1. Revisitando Bourdieu	30
1.2. A UFRRJ e o cenário na Baixada Fluminense – 2009 a 2018.	34
CAPÍTULO 2 - O PERFIL SOCIOECONÔMICO E AS EXPECTATIVAS SOBRE O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR ENTRE ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO.	39
2.1. Identificação e Perfil Socioeconômico	39
2.2 Trajetórias Escolares	50
2.3. Percepções sobre Ensino Superior e expectativas para depois do Ensino Médio	53
CAPÍTULO 3 - RODRIGO E ISABELA: OS CASOS DE SUCESSO DE TRAJETÓRIAS ESCOLARES ENTRE EGRESSOS DA REDE ESTADUAL EM SEROPÉDICA	67
3.1. Rodrigo: “ <i>Estudar é a única coisa boa que eu sabia fazer.</i> ”	67
3.2. Isabela: “ <i>Era bom tá naquele grupo porque parece que chama você pra estudar mais</i> ”	74
CONCLUSÃO: TÃO PERTO E AINDA TÃO DISTANTE – A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO SOBRE O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR	83
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	85
ANEXOS:	88

INTRODUÇÃO

A gente de fora, que estuda em colégio público, a gente não sabe. Quem é de fora sempre pensa que a Rural é um mundo, é tudo. Mas não é aquilo que a gente pensa.

Marcelo, estudante do Ciep 155 – Maria Joaquina de Oliveira em entrevista realizada em 2016.

O esforço em compreender as expectativas dos estudantes secundaristas da rede pública estadual de Seropédica quanto ao possível interesse (ou sua ausência) em ingressar no Ensino Superior, surgiu a partir da minha experiência como professora de Sociologia no Ensino Médio na rede estadual deste município. Ao longo dessa trajetória observei narrativas que recorrentemente associavam esses estudantes à falta de interesse pelos estudos, e em *fazer faculdade*. Essas observações iniciaram-se em conversas informais com professores e outros agentes que atuam nas escolas que lecionei; mas também estavam presentes em reuniões pedagógicas, conselhos de classes, reuniões de responsáveis, e até mesmo nas aulas de Sociologia, entre os próprios estudantes. Em contra partida, também era observado narrativas que apresentavam certa expectativa quanto ao prolongamento da escolarização desses estudantes até o ingresso no Ensino Superior. Esse fato ganha o peso da presença da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)¹ no município. Na maioria das vezes o ingresso na faculdade é destacado como reflexo de uma vontade individual “*é um ou outro que quer entrar*”, de valorização natural ou espontânea, conferindo a isso uma noção de auto condução. Outro fator que corroborou para o desenvolvimento desta pesquisa refere-se aos diferentes sentidos atribuídos a “*falta de interesse pelos estudos*”, que emerge na maioria das vezes associada a ideia da escolarização enquanto fator que figura relação direta no processo de mobilidade social ascendente ou descendente. Ou seja, quanto menor o grau de escolaridade menor as chances de “*melhorar na vida*”.

Fazer faculdade aciona prioritariamente fatores que refletem a origem social dos estudantes, marcada por condições de vantagens e/ou desvantagens. No contexto das escolas públicas de Seropédica, esses jovens são predominantemente oriundos de uma classe social menos favorecida, tanto do ponto de vista econômico quanto cultural. Para estes, o ingresso no Ensino Superior remete a ideia de ascensão econômica. Essa

¹Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mais conhecida como Rural, localizada na BR 465, KM 47, Seropédica, Rio de Janeiro.

perspectiva também é compartilhada por seus professores e diretores que, em certa medida, tomam suas próprias trajetórias como exemplos elucidativos para justificar a relevância atribuída ao prolongamento até este nível de escolarização. O ingresso no Ensino Superior é qualificado por esses agentes como sendo sinônimo de sucesso escolar a ser desejado e alcançado, e as representações sobre a *falta de interesse* fundamentam-se no baixo rendimento escolar; no abandono ou reprovação do ano letivo; na distorção idade-série; na baixa frequência; e outros fatores que incidem negativamente para o processo de escolarização linear desses estudantes ainda no Ensino Básico. Esses aspectos assumem certo protagonismo enquanto fatores impeditivos para o desenvolvimento do chamado *bom aluno*, arquétipo presente no imaginário do professorado. Entretanto, ainda que as representações apontem para o baixo interesse desses estudantes pelo prolongamento de seu processo de escolarização, os dados coletados em campo revelam outros fatores importantes para análise das “*vocações escolares*” entre os estudantes entrevistados, em que pese seus planos e projetos de vida.

A escolar dos estudantes também aparece como mecanismo de classificação e distinção, separando-os em grupos opostos. De um lado os que apresentam melhor desempenho, e também os que estimam maiores chances de *passar para faculdade*; e de outro, os que *não querem nada da vida*, os que apresentam menor rendimento escolar, *mal comportamento*, e conseqüentemente menores chances de uma trajetória bem sucedida, o que traduzindo significaria *passar* no Enem. Estes últimos são classificados como os *sem perspectiva de futuro, os que não querem nada com nada*. Isso se torna mais evidente nas narrativas referentes aos estudantes do terceiro ano, tendo em vista ser a etapa final da formação da educação básica, compreendido como o momento importante de decisão.

As expectativas presentes nas narrativas de professores e diretores reproduzem uma naturalização quanto a produção do interesse em continuar os estudos, onde em escala hierárquica, a origem social, a trajetória escolar e de vida não aparecem como fatores de grande relevância para compreensão do distanciamento desses estudantes e o Ensino Superior. O ingresso no mundo do trabalho é um dos fatores apresentados por muitos desses estudantes como necessidade imediata, fato que tem direcionado muitos desses jovens para outras possibilidades de formação, tais como a realização de cursos técnicos profissionalizantes e/ou de qualificação profissional de menor duração; e ainda, a formação de carreira militar. Isso significa que, esses itinerários formativos não excluem a expectativa ou o desejo de *fazer faculdade*, mas cria uma escala de

prioridades frente às possibilidades. Ou seja, os percursos de ingresso no Ensino Superior, entre estudantes de camadas populares, costumam ser maiores, não lineares.

O desenho metodológico e apresentação dos instrumentos de pesquisa

O desenho metodológico configurou-se em dois tipos de metodologias, a qualitativa e a quantitativa. Os dados qualitativos foram coletados a partir de etnografias, com observação participante e a participação observante² realizadas em conselhos de classe, reuniões pedagógicas e conversas informais em sala de professores em sete escolas da rede estadual de ensino em Seropédica. Vale destacar que as primeiras reflexões desse processo investigativo surgem anteriormente ao projeto de pesquisas, proporcionando subsídio para a elaboração e desenvolvimento do mesmo. As primeiras impressões a respeito da proposta investigativa, e as primeiras entrevistas individuais realizadas com estudantes secundaristas de uma das escolas, ocorreram anteriormente a elaboração da proposta de pesquisa, durante as aulas de Sociologia e em momentos de conversas informais.

Baseada nesse acúmulo de impressões, agora no período de desenvolvimento do trabalho de campo, realizei o mapeamento de dados quantitativos referentes ao número de ingressos na UFRRJ, oriundos da rede pública estadual em Seropédica. A proposta inicial tinha como objetivo avaliar as possíveis alterações quanto ao fluxo de estudantes que ingressaram na Rural, provenientes da rede estadual de ensino de Seropédica. Para isso, o recorte temporal inicial tinha como referência os anos de 1998 até 2018. No entanto, os dados disponibilizados pela Prograd/UFRRJ foram referentes ao ano de 2010 até 2018, não possibilitando estabelecer um comparativo entre o antes de depois ao período de implementação das políticas de expansão das universidades públicas. também foram realizados levantamentos de dados referente ao censo escolar e ao número de inscritos no Enem, a partir da base de dados do Inep³ para o mesmo período. Após levantamento quantitativo os dados foram tabulados e analisados a partir da utilização de *software* estatístico.

² O termo participação observante é utilizado por Eunice Durham (2004) para referirem-se as vinculações de pesquisadores aos seus objetos de estudos no contexto da Antropologia Urbana. Esse fator refletiria certo engajamento político que os deslocam da observação participativa para a participação observante. De acordo com a antropóloga, essa transição implica em riscos quanto a reflexão teórica e metodológica. No entanto, o termo será utilizado nesta pesquisa para referir-se ao vínculo que a pesquisadora tem com seu campo de estudo, sendo esta professora de uma das escolas que integram o campo de estudo.

³<http://portal.inep.gov.br/microdados>

As primeiras entrevistas qualitativas antecederam a elaboração da pesquisa. As mesmas foram feitas em 2016, com estudantes secundaristas de uma das escolas que compõem o universo de análise da pesquisa. Em 2019, foram realizadas duas entrevistas em profundidade, com egressos do Ciep 155 Maria Joaquina de Oliveira, e que ingressaram na UFRRJ. Um dos entrevistados é o mesmo estudante entrevistado em 2016. No mesmo ano (2016) foram realizados grupos de debate entre estudantes do terceiro ano, a fim de coletar impressões e percepções que os mesmos possuíam a respeito de suas aspirações quanto ao futuro, após conclusão do Ensino Médio.

Outro método utilizado pela pesquisa foi a elaboração e aplicação de questionário quantitativo-qualitativo, usado na etapa final do trabalho de campo propriamente dito. O mesmo foi aplicado em sete escolas que compõe a rede estadual no município⁴, atingindo um total de 295 jovens, incorporando estudantes do Ensino Médio Regular e Normal Médio⁵.

O Questionário

O questionário constituiu-se numa ferramenta autoaplicável, estruturado predominantemente a partir de perguntas fechadas (38 perguntas) com opções de respostas e duas perguntas abertas, e foi dividido em três eixos: 1) identificação e perfil socioeconômico, 2) trajetória escolar e 3) percepções sobre Ensino Superior e expectativas para depois do Ensino Médio.

A aplicação do questionário iniciou-se na primeira semana após a realização do primeiro dia de prova do Enem 2018⁶, entre os dias 5 de novembro a 14 de dezembro. O objetivo de iniciar neste período foi de poder mapear o quantitativo de estudantes do terceiro ano inscritos no Enem, assim como obter as primeiras impressões que os mesmos tiveram a respeito da realização da prova, e as avaliações que passaram a fazer sobre seus conhecimentos e suas possibilidades/chances no que diz respeito às expectativas de ingresso no Ensino Superior.

⁴A aplicação foi realizada em sete das nove escolas estaduais de Seropédica, são elas: Ciep 155 – Maria Joaquina de Oliveira, Colégio Profº Waldemar Raythe, Ciep 156 – Doutor Albert Sabin, Colégio Estadual de Bananal, Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, Colégio Estadual Barão de Tefé e Colégio Estadual Presidente Dutra.

⁵O curso Normal Médio, garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), é a formação mínima para os profissionais que desejam atuar na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

⁶O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) teve sua primeira fase, no ano de 2018, realizada em 4 de novembro e a segunda em 11 de novembro.

Inicialmente a pesquisa visava a aplicação do questionário para a totalidade dos estudantes de terceiros anos das nove escolas estaduais. Não obstante, isso não foi possível devido alguns fatores, dentre eles o calendário escolar, em que se tem um curto espaço de tempo entre a aplicação do Enem e o período de férias escolar; a diminuição da frequência dos estudantes as aulas; assim como disponibilidade de tempo da própria pesquisadora, que se divide com ofício de professora. A aplicação foi realizada nas salas de aula com anuência das direções das escolas. Houve boa recepção da proposta de aplicação da pesquisa, tendo em vista o interesse pelo tema por parte da direção das escolas, assim como dos professores.

Considerando o processo de evasão escolar observado a partir dos dados de infrequentes e/ou desistentes, mas que ainda se encontram formalmente matriculados, o universo considerado pela pesquisa constituiu-se entorno dos estudantes matriculados e regularmente frequentes. Com base nesse cenário, a pesquisa levantou, com o auxílio dos professores (as) responsáveis pelas turmas no momento da abordagem para aplicação do questionário, uma estimativa aproximada do número de estudante que frequentam regularmente as unidades de ensino. A partir dessa informação pode-se compreender o distanciamento/distorções entre o quantitativo total de matrículas apresentadas pelo Censo Escolar da Educação Básica referente ao ano de 2018⁷ e o quantitativo apresentado pela pesquisa. De acordo com o Censo Escolar deste mesmo ano, o número de matrículas no terceiro ano do Ensino Médio nas escolas estaduais de Seropédica soma um total de 675. O quantitativo atingido pela pesquisa corresponde a 295 concluintes, referente a sete escolas. Em algumas das escolas, não foi possível a aplicação dos questionários em todas as turmas, pois o período coincidiu com o calendário de provas finais e com o fim do ano letivo, marcado pela diminuição na frequência daqueles que já obtiveram aprovação nas disciplinas curriculares.

Ao longo da aplicação foi possível observar certo padrão de respostas entre os estudantes, principalmente nas questões abertas. Isso me faz considerar que, apesar de duas escolas não terem sido incluídas na aplicação do questionário, o universo atingido pela pesquisa torna-se representativo em termos gerais de estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio da rede estadual do município. As unidades escolares que não aparecem dentro do universo da pesquisa correspondem a um total de três turmas de terceiro ano.

⁷ Fonte: Censo Escolar/INEP, 2018.

A entrada nas escolas se deu a partir de duas situações distintas. Nas escolas em que já havia lecionado me reportei diretamente à direção, explicando o que viria a ser o projeto de pesquisa. Sempre de forma positiva, todas as direções se dispuseram a contribuir para aplicação, agindo como mediadora entre a pesquisadora e professores que no momento da abordagem estavam em sala de aula. No geral, os questionários eram aplicados já nesse momento. Em duas destas escolas, recorri às redes de contatos que mantenho com outros professores, acionando-os para mediar uma conversa com a direção. Fato que aconteceu sem nenhum impeditivo, tanto por parte da direção quanto dos professores que cediam espaço em seu tempo de aula. No entanto, mesmo apresentando a pesquisa como sendo parte do projeto desenvolvido enquanto discente de pós-graduação da UFRRJ, em todas as ocasiões fui apresentada como *a professora Joyce*. Observei que o fato de ter sido apresentada como *professora do estado*, somado ao tema da pesquisa que mobiliza uma questão de interesse dos próprios professores, criou-se uma atmosfera de valorização e preocupação para que tudo ocorra de forma “esperada”. Nesse sentido, alguns professores se mantiveram na sala durante a aplicação, estabelecendo o que compreendiam como controle necessário, mesmo a pesquisadora comunicando não ser necessária a permanência.

A receptividade por parte dos estudantes também foi positiva, apesar de certos contratempos durante a aplicação. As questões geraram debates diversos entre os mesmos, tais como: o questionamento de sua própria cor/raça frente à percepção dos colegas; as expectativas sobre o que iriam fazer após concluírem o Ensino Médio, fato que muitos exclamavam ainda não ter pensado sobre, mas diziam que gostariam de fazer faculdade; as divergências sobre os possíveis fatores que levam o jovem de Seropédica a parar os estudos; os cursos que gostariam de ingressar na faculdade (alguns deles oferecidos pela UFRRJ, porém esta informação não era de conhecimento entre eles).

Durante a aplicação, alguns dos professores buscavam informações sobre cursos de graduação e pós-graduação oferecidos pela UFRRJ, e como poderiam ingressar em algum destes cursos. Pode-se observar que em grande parte, muitos desses professores desconheciam os cursos oferecidos pela UFRRJ, principalmente os criados após o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni⁸). Entre os professores que se identificaram como sendo oriundos do município e

⁸ O Reuni, instituído pelo Decreto nº 6.096/2007, constituiu-se no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, criado pelo governo federal objetivando a ampliação das vagas, criação de outros cursos, readequação da infraestrutura, elevação das matrículas e do número de concluintes, assim como a otimização dos recursos humanos e físicos existentes.

egressos da Rural, a Universidade era mencionada em tom de orgulho e de projeções de expectativas para o percurso formativo de seus alunos. Além disso, durante a aplicação, em conversa com alguns professores, a imagem do estudante que *não quer nada com os estudos* novamente é apresentada como referência ao desempenho da turma ao longo do ano letivo e ao *mau comportamento* apresentado.

Reflexões sobre o Trabalho de Campo

A reflexão sobre os limites entre a vida privada e a acadêmica me parece ser uma questão que vez ou outra recai sobre aqueles que se iniciam no mundo das Ciências Sociais. Mas, seria possível delimitar de maneira objetiva essas duas esferas? Não diferente de muitos, esta questão também se apresentou a mim, gerando inúmeras inquietações que levaram a desenvolver esse projeto de pesquisa. A possibilidade de uma primeira reflexão mais sistematizada e substancial veio do debate apresentado por Wright Mills (1969) em *A imaginação sociológica*. Onde Mills afirma que “a erudição é uma escolha de como viver e ao mesmo tempo uma escolha de carreira; quer saiba ou não, o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que se aproxima da perfeição de seu ofício (Mills, 1969: 212)”. Seguindo essa perspectiva, o acúmulo das diferentes experiências que obtive enquanto professora de Sociologia no Ensino Médio constituem a base do desenvolvimento do trabalho intelectual, no que tange a contribuição para o progresso desta pesquisa. Porém, essa relação exige da pesquisadora certo relativismo, pois somente a partir do exercício de distanciamento é que se constrói as possibilidades de reflexões e análises daquilo que me propus pesquisar. Como reitera Queiroz (2008:13) “(...) todo estudioso está sempre engajado nas questões que lhe atraíram a atenção, (...) de forma profunda e muitas vezes inconsciente, naquilo que executa”. Não diferente disso, a formulação de meu objeto de análise relaciona-se diretamente ao trabalho realizado junto aos estudantes, a fim de promover cada vez mais o interesse dos mesmos em ingressar no Ensino Superior, tendo em vista um aparente baixo interesse apresentado pelos mesmos durante nossas conversas em aulas.

A construção da relação de confiança torna-se um fator fundamental para o processo investigativo, nos exigindo “qualidades” pessoais que irá auxiliar nas relações sociais ao longo da pesquisa. Mas isso envolve uma formação teórica específica que proporcione posições conscientes a respeito de seu conjunto de conhecimentos provenientes de suas experiências, e junto a isso conhecimentos acumulados pelas ciências de uma maneira geral (Queiroz, 2008:15). Como afirma Malinowski (1978) e Queiroz (2008), o trabalho de campo nos exige preparação prévia, onde devemos nos munir de um arcabouço teórico sistemático que nos sirva de referencial, e ainda de “(...) uma aplicação sistemática e paciente de um determinado número de regras de bom senso e de princípios científicos bem definidos” (Malinowski, 1978: 21). Junto às qualidades pessoais, outros fatores são fundamentais para situação de pesquisa, dentre as quais está o próprio interesse pelo outro, o que implica na capacidade de escutar e

não julgar, de maneira a estabelecermos uma relação com os pesquisados (Beaud; Weber, 2007:22). Exercício árduo no processo desta pesquisa, tendo em vista o caráter da escuta não ser a de professora, mas sim de pesquisadora que deve buscar maior distanciamento dos discursos observados.

A pesquisa de campo nos proporciona o conhecimento da produção de discursos, das práticas sociais e seus significados, fundamentando a análise a partir de seus contextos. Mas, é preciso que não esqueçamos nós mesmos, pois “a observação etnográfica não se assenta sobre universos dos indivíduos, mas, sim, sobre universos de relações (Beaud; Weber, 2007:31)”. Em concordância com Malinowski (1997) o trabalho de campo nos oferece um esquema claro e objetivo das normas e leis de todos os fenômenos, nos permitindo separar informações e aspectos não relevantes.

A preocupação com o campo e com as diferentes técnicas tem a ver com minha dupla condição: de pesquisadora e professora da rede pública estadual de ensino em Seropédica. Por isso, seguindo as instruções de Becker (1993) a pesquisa se muni de diferentes técnicas que viabilizam tanto a expansão do olhar quanto ao alcance do pensamento a fim de ampliar o distanciamento, e também de possibilitar o aumento da capacidade das ideias lidarem com a diversidade de realidades, principalmente quando as mesmas são muito familiares. Além disso, o processo investigativo é passível de negociações, influenciando diretamente nas escolhas metodológicas. A observação, a percepção, a memorização e a anotação são de extrema importância para a coleta de dados. Mas, como bem ressalta Beaud e Weber (2007), a observação pura é limitada, pois existe a possibilidade dos contrassensos e as limitações da compreensão dos fenômenos observados, e por isso a necessidade de relacioná-la com outras técnicas de pesquisa.

Estar em Campo

No esforço em compreender o universo de análise definido na pesquisa, o campo me impôs, deliberadamente, a racionalização de minhas próprias experiências, tendo em vista minha trajetória escolar e de vida e os marcadores sociais que a atravessam: ser mulher, negra, oriunda de família pertencente a camada popular e a primeira da família a ingressar no Ensino Superior público. Soma-se a isso, a função de professora de Sociologia no contexto de escola pública na Baixada Fluminense.

A relação entre pesquisadora e o campo de estudo iniciou-se anterior a própria constituição do que viria a se tornar o objeto de estudo desta pesquisa. Em março de 2014 ingressei na rede estadual da educação básica do Estado do Rio de Janeiro, após ser aprovada no concurso público para o cargo de professora docente I, na disciplina de Sociologia. Minha lotação foi designada para o Ciep 155 – Maria Joaquina de Oliveira⁹, uma das escolas localizadas no centro do município de Seropédica, próximo a Universidade Rural. Enquanto iniciante me vi diante de inúmeros desafios de lecionar na educação básica, tendo o que avalio agravante o fato de ministrar a disciplina de Sociologia.

As implicações das idas e vindas da Sociologia no currículo do Ensino Médio ainda são diariamente evidenciadas na relação que os estudantes estabelecem com a mesma, que é compreendida por eles como menos importante do que outras disciplinas como Português e Matemática, por exemplo. A recorrente ausência de professores formados em Ciências Sociais e a baixa disponibilidade dos mesmos atuando na educação básica também têm sido mais um fator que corrobora na manutenção da hierarquia entre as diferentes disciplinas ministradas na educação básica. Mas, no contexto geral, essa relação deve ser lida como reflexo da ordem hierárquica entre os diferentes campos de conhecimento.

Devido aos trâmites burocráticos para tomada de posse, iniciei o ano letivo em março, segundo mês de aula. As turmas assumidas eram de 1º e 2º ano e, até aquele momento, dispunham apenas de um tempo de aula semanal. A ausência de professores de Sociologia no ano anterior me fez avaliar a necessidade de ministrar conteúdos introdutórios também para as turmas de 2º ano. Essa proposta foi apreciada e aprovada pela direção.

Após trabalhar a origem da Sociologia e sua relevância para compreensão dos diferentes fenômenos sociais, apresentei em caráter de exemplo um questionamento aos

⁹ Localizada na BR 465, KM 49, Centro de Seropédica.

estudantes a fim de mensurar o processo de distinção entre o pensamento sociológico e o senso comum. A partir disso expus a seguinte questão para as turmas:

Vocês já devem ter ouvido alguém dizer que os jovens (vocês) não querem nada com o estudo ou com o futuro. Ou mesmo que os estudantes de Seropédica não entram na Universidade Rural porque não querem ou porque não se esforçam o suficiente. Essas afirmativas são verdadeiras ou reproduzem o senso comum? E, quais outras explicações poderíamos apresentar para compreender esses fenômenos? ((Frase dita pela pesquisadora no exercício do ofício docente)

As respostas surgidas entre os estudantes, nas diferentes turmas, traziam uma percepção que reafirmava a questão apresentada a eles. Quase de maneira consensual, as explicações legitimavam o “senso comum” presente no exemplo dado, reiterando a imagem de desinteresse dos estudantes de Seropédica pelos estudos e falta de inteligência suficiente para ingressar na UFRRJ. Essa imagem foi reproduzida em algumas falas: “*não entram porque são burros, professora!*” ou “*porque não se esforçam, é só estudar, não querem saber de estudar; eu não entro porque eu não quero*” ou ainda, “*não entro porque não tem o curso que quero*”.

A questão apresentada durante a aula objetivava explicar conceitos sociológicos a partir de falas cotidianas, observadas ainda quando era estudante de graduação, durante a realização dos estágios supervisionados em uma das escolas estaduais do município, e posteriormente como professora. O exemplo interessado buscava mapear as percepções entre os estudantes, principalmente por essas narrativas aparecerem de maneira mais expressiva quando relacionada ao baixo rendimento dos alunos nas diferentes disciplinas, o que por muitas vezes desdobrava-se em avaliações negativas quanto às expectativas que estes jovens poderiam ter em relação ao ingresso no Ensino Superior. Neste primeiro ano como docente, ainda não havia a intenção em transformar o tema em um objeto de pesquisa, apenas problematizar junto aos estudantes e também com outros professores, as possíveis causas dessa aparente falta de interesse nos estudos e ao ingresso na universidade, principalmente na Rural.

A tentativa de aprofundar o debate junto a outros professores, a fim de construir outras possibilidades de explicação para essas narrativas, frequentemente esbarrava na falta de legitimidade que possuía enquanto professora. Essa relação aparecia de forma mais evidente em argumentos que destacavam a minha pouca experiência na docência, junto ao fato de me considerarem muito jovem, justificando meu pouco conhecimento

sobre a realidade escolar. Destaco também o próprio reconhecimento da Sociologia como ciência menor. Se inicialmente meu interesse possuía apenas uma dimensão local - restrita à minha unidade escolar e atrelado a prática docente que buscava desenvolver junto a esses agentes certa desnaturalização sobre representações que estigmatizavam os estudantes - esse interesse vai ganhar nova dimensão, na medida que passei a lecionar em outras escolas estaduais do município, sob o regime de gratificação por lotação prioritária (GLP) e observar as mesmas narrativas sobre a relação dos estudantes e os estudos.

Durante minha circulação por diferentes escolas pude observar, de maneira mais ampla, as impressões que professores e diretores apresentavam sob a imagem que se reafirmava constantemente de um *estudante desinteressado*. No entanto, o processo de gestação do projeto de pesquisa e a definição do objeto de estudo sucederam três anos de observação participante e participação observante, imbuídos do sentimento de não lugar enquanto professora. Em parte esse distanciamento se dava pelas dificuldades em ser legitimada como professora, mas também, por certa dificuldade de reconhecimento com meus pares. Essa ausência de sentimento de pertencimento reforçava um *habitus* acadêmico produzido ao longo de minha formação, ao passo que fomentava o interesse pela questão que, anos mais tarde, se consolidou no objeto de estudo desse trabalho.

No período que antecedeu a produção da pesquisa, iniciei um processo investigativo onde realizei entrevistas com estudantes secundaristas. Os dados produzidos a partir dessa etapa fundamentaram o projeto inicial de pesquisa, e, posteriormente, a produção da etapa final dessa dissertação. Essa dissertação é fruto desse longo processo de vivência com os jovens buscando responder à pergunta “quais as expectativas entre os estudantes da rede estadual de Seropédica quanto ao prolongamento dos estudos após conclusão do Ensino Médio? ”.

CAPÍTULO 1 – A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: CAMINHOS INVESTIGATIVOS

No contexto das discussões sobre a democratização das universidades públicas, diversas pesquisas no país têm apontado para um aumento nas demandas de acesso de jovens ao Ensino Superior (Picanço, 2016; Mapa do Ensino Superior no Brasil, 2010-2016; Zago, 2006; 2011). A elevação na busca pelo ingresso nas universidades repercutiu em mudanças no acesso ao Ensino Superior. Segundo Picanço (2016) a expansão do acesso deste segmento está relacionada a implantação de programas sociais e políticas públicas de apoio a ampliação de vagas nos distintos estratos do sistema educacional, e junto a isso, à diversificação da demanda e da oferta.

Essas mudanças na demanda pelo Ensino Superior reflete os índices de crescimento do número de jovens que concluíram o Ensino Médio. Proporcionalmente, os números de estudantes que buscam ingressar nas universidades são maiores entre os grupos sociais em desvantagens, em especial, pobres e negros. Dados do Ministério da Educação revelam um crescimento vertiginoso em ofertas de vagas nas Instituições de Ensino Superior (IES) no período de 20 anos, passando de 502.784 em 1990 para 3.120.192 em 2010. Nos chama atenção a maior oferta de vagas nas IES privadas, que sai de 347.745 nos anos 90 para 2.674.855 em 2010, enquanto as IES públicas ofertavam 155.009 e 445.337 para o mesmo período (Picanço, 2016:116). Apesar dessa crescente em ambos os setores, o número total das vagas ofertadas não foram ocupadas. Além do crescimento da oferta de vagas, também ocorreu a criação de novas IES, cursos e *campi*, programas sociais direcionados a promoção do acesso de candidatos de baixa renda, indígenas e negros nas IES públicas e privadas; e, redução de preços das mensalidades no sistema privado.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, localizada no município de Seropédica, Baixada Fluminense, iniciou o processo de expansão em 2007, via Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). De acordo com Silveira (2011), um dos fatores de relevância na criação dos novos cursos na UFRRJ foi o perfil de estudantes da Baixada Fluminense, composto por trabalhadores sem disponibilidade de dedicação exclusiva aos estudos universitários e científicos. Tendo como base o atendimento dessas demandas, foram criados cursos noturnos, modalidade à distância e cursos de licenciaturas.

É nesse contexto da expansão do acesso ao Ensino Superior que me deparei com episódios recorrentes entre professores, diretores e estudantes, observado a partir de

minha prática docente nas escolas estaduais de Seropédica, que remontam percepções relativas a um baixo interesse entre os jovens secundaristas em ingressar na Universidade Rural, e no Ensino Superior. De forma frequente, era imputado aos estudantes o provimento daquilo que qualificavam como *sucesso escolar*, que em perspectiva final, culminaria para/no ingresso no Ensino Superior. Essa narrativa trazia a ideia de capacidade e/ou incapacidade individual para os estudos, reforçados pela noção de desinteresse/força de vontade, falta de vocação, baixa capacidade intelectual ou de autodisciplina dos estudantes em questão. E, os casos de sucesso escolar improvável entre esses estudantes, passavam a ser acionados como reafirmação da figura do estudante desinteressado.

Segundo Pierre Bourdieu (1983) os jovens das camadas populares possuem certa compreensão de que o sistema escolar se configura como um veículo de privilégios, o que pode ser observado na fala de dois estudantes secundaristas¹⁰ entrevistados:

Não sou aquele tipo de estudante focado no estudo. Eu bagunço. Mas agora eu tô começando a ver que eu necessito disso mesmo pra crescer, né. Se não estudar você não cresce. Agora tô focando mais um pouco nos estudos porque eu também quero fazer uma prova (...) pra trabalhar aqui (UFRRJ), pra ser funcionário público. Eu acho bem melhor e bem mais fácil trabalhar. Michel¹¹, 17 anos.

Estudava porque tinha que estudar. Depois que percebi que eu podia melhorar com os estudos (...) eu estava pensando, aí conversei com o inspetor e ele me falou de engenharia, que dá mais dinheiro. Então eu escolhi! Porque até pensei em fazer artes, mas não quero ser professor. – Rodrigo¹², 16 anos.

Porém, as desigualdades de oportunidades de acesso ao Ensino Superior são forjadas de forma contínua e durante toda a trajetória escolar dos jovens das camadas populares, diferentemente dos de classe média, onde a decisão do ingresso na universidade assume uma conotação quase evidente (Zago, 2006). Para os jovens dos

¹⁰Entrevistas exploratórias realizadas em 2015 para um projeto de pesquisa a respeito dos interesses de estudantes do Ciep 155 – Maria Joaquina de Oliveira em ingressar na UFRRJ.

¹¹ Todos os nomes usados são fictícios, a fim de preservar as identidades dos jovens. Michel era estudante do 2º ano no Ciep 155 – Maria Joaquina de Oliveira. A entrevista foi realizada em 2015, período em que o mesmo foi estagiário no Pavilhão de Aulas Teóricas (PAT/UFRRJ) durante 1 ano. Seu estágio terminou em dezembro do referido ano.

¹² Rodrigo foi aluno do Ciep 155 – Maria Joaquina de Oliveira e cursava o terceiro ano quando a entrevista foi realizada em 2015. Atualmente é aluno do curso de Engenharia de Agrimensura da UFRRJ, tendo ingressado no ano de 2017. Também foi aluno do Colégio Técnico da Rural (CTUR), tendo feito o curso pós-médio de técnico em Agrimensura com duração de 1 ano e meio.

estratos mais baixos, ser aprovado em uma universidade, principalmente pública, nada tem de “natural”, e essa realidade percebida se evidencia em inúmeras falas dos entrevistados:

Por mais que eu quisesse, era um peso muito grande. As pessoas sempre falam, quando eu falo que faço Rural: “Nossa, Federal.” (risos). Eu mesma acho que não tinha noção desse peso. Aí eu fiquei meio incrédula, inclusive quando eu vi meu nome na lista eu falei: “não”. Fiquei assim, olhando. Acho que eu não acreditei de primeiro momento. Tem muito isso.
Isabela¹³, 22 Anos

Outro ponto significativo, observado entre esses jovens diz respeito ao baixo grau de informações sobre a formação universitária e dos processos burocráticos de acesso ao Ensino Superior (Zago, 2006). Essa ausência de capital informacional também pode ser observada entre os jovens oriundos da rede pública de Seropédica, o que incluía falta de informações sobre inscrição do *Enem* e sua relação com o *Sisu*; o desconhecimento dos cursos oferecidos na Rural ou outras instituições públicas e privadas. Em alguns casos, até a ausência de informações e surpresas sobre a gratuidade do ensino na UFRRJ.

É a partir das observações participantes e participações observantes, que se começou a delimitar um cenário sobre as expectativas desses jovens quanto ao *ingresso na faculdade*, e à busca pela ascensão social e econômica, tendo em vista que os cursos desejados são os que frequentemente estão relacionados a certo prestígio social, tais como Medicina, engenharias (Civil, Mecânico, Aérea) e Direito. E muitos casos o acesso ao Ensino Superior aparece referenciados ao ingresso em instituições privadas, mesmo em situações em que o curso desejado é oferecido pela Rural. Se fisicamente há proximidade entre esses estudantes e a UFRRJ, por vezes, a proximidade social aparece como o inverso da mesma ora estreitando-se em ocasiões e práticas sociais demarcadas.

As redes de sociabilidades entre os estudantes secundaristas e a comunidade acadêmica da Rural se constituem em torno do que chamo de aproximações periféricas, ou seja, a partir do ingresso em cursos técnicos no CTUR, da realização de estágios na UFRRJ, na integração em festas realizadas dentro e fora do espaço da Universidade, através de cursos preparatórios para o *Enem*, na utilização de áreas do *Campus* para lazer, como as quadras de desportos, no acesso aos serviços bancários e, ainda, nos

¹³ Isabela é egressa do Ciep 155 – Maria Joaquina de Oliveira, localizado no Centro de Seropédica, próximo da UFRRJ. Atualmente a jovem é estudante do curso de graduação em Letras-Inglês-Literatura na Rural. A mesma foi entrevistada pela pesquisa, parte que será apresentada no capítulo 3.

serviços de atendimento do Hospital Veterinário da Rural. Outras formas de aproximações ocorrem a partir de atividades educacionais e culturais desenvolvidas por estudantes da UFRRJ, como: visitas ao campus, sarau cultural, apresentações artísticas, atividades acadêmicas realizadas através do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica, e também pelos estágios supervisionados dos cursos de licenciaturas, realizados em algumas escolas estaduais de Seropédica. Esse distanciamento social entre comunidade acadêmica e população de Seropédica pode ser observado de diferentes formas, para além do ingresso desses estudantes na Rural, como também nos apelidos atribuídos aos moradores do município, chamados de *minhoca*, termo que possui sentido pejorativo para referir-se aos moradores do município, de maneira a distingui-los da comunidade acadêmica universitária.

As histórias de *João e Michel* podem ser compreendidas como desdobramento dessas redes de sociabilidade, que se constituem, num primeiro momento, em aproximações periféricas, ou seja, aproximações que se constituem por outras vias, que não a do ingresso enquanto estudantes universitários. É nesse contexto que ambos são envolvidos num processo de ressignificação da Universidade Rural, como pode ser observado na fala de Michel:

A gente de fora, que estuda em colégio público, a gente não sabe. Quem é de fora sempre pensa que a Rural é um mundo, é tudo. Mas não é aquilo que a gente pensa. (...) É uma universidade normal como se fosse uma escola qualquer. (...) Eu penso bastante nisso. É igual. É a mesma coisa. É uma continuidade da escola. Não vejo nada diferente só o que é diferente é que os alunos têm mais liberdade e não tem aquele negócio de diretor dando esporro, né. Aqui eles são mais libertos por também serem maiores de idade. Eles têm a liberdade deles, eles fazem o que eles querem. Os professores são muito legais, nunca nenhum professor chegou falou grosso. (...) Eu gosto bastante por esse fato de conhecer pessoas diferentes e fazer coisas diferentes. Eu queria investir, mas eu não sei o caminho certo de seguir". Michel, 17 anos.

A trajetória de alguns dos egressos da rede estadual de Seropédica, entrevistados pela pesquisa, que ingressaram na Universidade Rural, tem seus percursos formativos marcados por aproximações periféricas com a UFRRJ, a partir da constituição de suas redes de sociabilidade nesse entorno. Levando em consideração esses fatores apresentados, a pesquisa procurou responder, se dentre as expectativas de futuro desses

jovens, ingressar no Ensino Superior torna-se uma possibilidade desejável. Ainda, se a Universidade Rural aparece como possibilidade de oportunidade de acesso ao Ensino Superior. Essas questões tornam-se fundamentais para pensar a trajetória dos estudantes secundaristas das camadas populares e seu processo de escolarização. A pesquisa surge da inquietação do ouvir esses estudantes sobre suas trajetórias de vida, sobre as expectativas para o futuro, e traz a intenção de prover elementos que possam dar subsídio a debates sobre temas contemporâneos que envolvam direta ou indiretamente as juventudes e seus percursos na busca pela formação universitária.

1.1. Revisitando Bourdieu

As contribuições de Pierre Bourdieu sobre as desigualdades sociais nas sociedades capitalistas trouxeram à tona o debate sobre o papel da escola nos processos de reprodução das desigualdades sociais e escolares¹⁴, contrariando a suposta neutralidade da escola nos processos de ensino e aprendizado. O autor traz conceitos-chaves para análise dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais. Esses conceitos nos permitem entender as dinâmicas da reprodução social e da dominação simbólica. Bourdieu (1990:149) nos apresenta a existência de estruturas objetivas que circunscrevem o mundo social onde os agentes, independentes de suas vontades, são constrangidos e orientados em suas práticas e representações. Junto a isso, produz a origem social dos esquemas de pensamento, percepção e ação a partir da constituição do *habitus* e das estruturas sociais denominadas campos e grupos sociais.

Segundo o autor, as atividades e preferências dos agentes ou grupos sociais estão baseadas em estruturas e mecanismos do mundo social, compreendidas a partir da construção do espaço social. Esse espaço social é multidimensional, ou seja, envolve uma correlação de princípios distintivos que mobilizam diferentes capitais (econômico, cultural, político, social, simbólico, etc.) entre os quais se destacam o capital cultural econômico. São esses princípios de diferenciação que irão direcionar os agentes ou grupos em função de sua posição nas distribuições estatísticas na estrutura social (1996:19). Isso significa que “(...) quanto mais próximos estiverem os grupos e instituições, mais propriedades eles terão em comum; quanto mais afastados, menos propriedades em comum eles terão” (Bourdieu, 1996:156), ou seja, a relação de proximidade e distanciamento entre os agentes ou grupos no espaço social está

¹⁴ O conceito de classe em Bourdieu distancia-se do conceito clássico de Marx, Bourdieu em sua análise toma como recorte analítico o conceito de espaço social, dentro do qual as classes podem ser divididas, mobilizadas a partir dos princípios de aproximações no espaço social.

diretamente relacionada à proximidade e distanciamentos das práticas e preferências, transcritas na posição dos mesmos na estrutura social.

O capital econômico enquanto dimensão do espaço social distribui seus agentes de acordo com o volume global de capital que possuem, ou seja, os mais abastados economicamente opõem-se ao menos providos de capital econômico e cultural (Bourdieu, 1996:19). Essa relação pode ser visualizada a partir das disposições entre professores universitários e professores do Ensino Médio, assim como entre estudantes universitários e estudantes secundaristas das camadas populares. Já o capital cultural configura-se como um conjunto de princípios distintivos baseados em fatores culturais, detido e mobilizados pelos agentes, tais como domínio da arte e línguas, nível educacional, etc., ou seja, de bens simbólicos.

De acordo com Bourdieu (2007) o capital cultural pode existir a partir de três formas: no estado incorporado, objetivado e institucionalizado. O capital incorporado reflete um processo de acumulação de capital cultural a partir da incorporação via assimilação e inculcação das estruturas sociais, “(...) é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um *habitus*. Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo” (2007:74-75). Por ser pessoal, ele se torna intransferível, adquirido de maneira inconsciente, e sua acumulação está relacionada às capacidades de apropriação dos agentes. Ou seja, ele se apresenta sob a forma de disposições duráveis. O capital cultural no estado objetivado tem relação com a detenção de “(...) certo número de propriedades que se definem apenas em relação com o capital cultural em sua forma incorporada” (Bourdieu, 2007:77), ou seja, constituem-se em materialização como quadros, pinturas, monumentos, escritos, etc, sendo todos estes transferíveis. Como explicita Bourdieu (2007), a transmissão dos bens culturais, em sua materialidade, pode pressupor duas formas de apropriação: simbólica e econômica, que por sua vez estão fundamentadas no capital cultural e econômico, respectivamente. E, o capital cultural, no estado institucionalizado, é constituído como um conjunto de títulos escolares, uma forma de certificação de competência cultural adquirida pelos agentes. Segundo Bourdieu, os títulos são marcadores de prestígio e conferem capital cultural,

(...) confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui,

efetivamente, em um dado momento histórico (2007:78).

O capital social, por definição, “é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de (...) vinculações a um grupo” (Bourdieu, 2007:67). Essas vinculações tanto podem ser por propriedades comuns, observável pelos diferentes agentes, quanto por ligações permanentes e úteis, fundadas em trocas simbólicas e materiais, tais com: relações de amizade, respeito, obrigações, trabalho, etc. Apesar de não ser redutível aos capitais econômico e cultural, o capital social possui uma relação de dependência dos mesmos, tendo em vista que os processos de interreconhecimento relaciona-se diretamente com o de reconhecimento, logo, a mobilização das redes de relações dos agentes estrutura-se a partir de certo grau de proximidade “objetiva” (Bourdieu, 2007). Essas redes de vinculações se constituem como produto de investimento social que se dão tanto inconscientemente quanto conscientemente.

A partir dos conceitos de espaço social e de capital, apresentado nas suas diferentes formas, Bourdieu procura demonstrar como as reproduções das estruturas sociais não estão relacionadas apenas a reprodução das estruturas materiais, ela também diz respeito à reprodução das estruturas sociais no interior do psiquismo dos agentes, definindo a posição dos mesmos no espaço social. Para melhor compreensão da relação entre os diferentes capitais e o espaço social na produção e reprodução dessas posições, a questão levantada por Bourdieu pode ser traduzida a partir da seguinte pergunta: “de que maneira as sociedades conseguem reproduzir nos indivíduos todas as suas estruturas?”, ou ainda, “como as estruturas condicionam nosso ser?”. De acordo com Bourdieu, isso se dá através de mecanismos inconscientes, a partir das incorporações das disposições sociais ao longo do processo de socialização dos agentes. A isso, Bourdieu vai chamar de *habitus*. Na definição do autor,

O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social. (Bourdieu, 1990:158).

Logo, Bourdieu (2002) afirma que as representações dos agentes estão condicionadas pela sua posição ocupada no espaço social e pelo *habitus*, que funciona como uma matriz de percepção e apreciação, e não enquanto uma subjetividade fixa ou uma identidade. O conceito de *habitus* em Bourdieu expressa sua compreensão a respeito do antagonismo entre estrutura e agente. Para tanto, Bourdieu (2005:191) conclui que o *habitus* cumpre o papel de mediação entre agente e estrutura. Numa compreensão dessa relação, a estrutura estruturada também é estruturante, na medida em que estrutura o pensamento, constituindo o princípio gerador e unificador de um conjunto de práticas e ideologias características de um determinado grupo de agentes.

A pesquisa teve os conceitos de *habitus*, campo e capital (cultural, econômico, social), como aporte teórico-metodológico que norteou a análise a respeito do papel da escola e das diferentes disposições nas relações de reprodução das desigualdades sociais, traduzidas em desigualdades escolares. Essa escolha analítica fundamentou-se na observação de ser este um caminho útil para a compreensão do sistema educativo público brasileiro – no que tange o processo de ingresso de jovens estudantes das camadas populares no Ensino Superior – e a reprodução de relações de privilégio, bem como observar possíveis rupturas.

A pesquisa buscou mapear as dinâmicas de acesso ao Ensino Superior de jovens oriundos das escolas públicas da rede estadual de Seropédica, também com enfoque na UFRRJ. O ponto de partida foi compreender as expectativas daqueles que estão cursando o último ano do Ensino Médio e suas aspirações quanto ao acesso ao Ensino Superior. Entrar na universidade é um objetivo após a conclusão do Ensino Médio? entrar na Rural é uma opção? Quais fatores eles destacam como condicionantes para o não ingresso?

Quais os condicionantes presentes nas trajetórias desses estudantes que se constituem como fundamentais para o ingresso no Ensino Superior (Ctur, pré-vestibular, estágio na rural, etc.) que formaram a rede de sociabilidade.

1.2. A UFRRJ e o cenário na Baixada Fluminense – 2009 a 2018.

As representações que produzem a imagem do estudante desinteressado imputam aos jovens certa incapacidade individual para os estudos, quer seja por falta de força de vontade/ vocação, perseverança/empenho, baixa capacidade intelectual ou de autodisciplina dos próprios estudantes. Mas o que ganha destaque neste cenário é o fato de estar centrado no contexto do processo de implementação das políticas de expansão das Universidades Públicas no Brasil, adotadas pelo Ministério da Educação (MEC) entre 2003 e 2014. A implantação desse conjunto de políticas públicas desenvolvidas e proposta tiveram como finalidade reordenar o crescimento do Ensino Superior público, consolidadas a partir de novas universidades federais, novos campi universitários e também da duplicação das ofertas de vagas nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Soma-se a esse cenário a implementação do Programa de Reestruturação e Expansão das Instituições de Ensino Superior (Reuni) em 2007 e o Plano Nacional de Assistência Estudantil¹⁵ (Pnaes) em 2008. Em 2009/2010 o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), junto ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu), passam por um processo de reformulação quanto a sua finalidade e tornam-se o principal mecanismo de seleção para o acesso ao Ensino Superior na atualidade brasileira.

No bojo das mudanças ocorridas no processo de democratização do acesso e permanência de estudantes das camadas populares nas IFES, a UFRRJ apresenta, de maneira significativa, transformações no perfil de seus ingressantes. A partir dos dados disponibilizados pela Coordenadoria de Informática (Coinfo) sob autorização da Pró-reitora de graduação da UFRRJ (Prograd/UFRRJ), observa-se um aumento no número de matrículas de estudantes oriundos da Zona Oeste¹⁶ e Baixada Fluminense¹⁷. A

¹⁵O Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) apoia a permanência de estudantes de baixa renda em cursos de graduação presencial das universidades federais. O objetivo é viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e contribuir para o sucesso acadêmico desses estudantes, a partir de medidas que buscam combater a repetência e evasão. O Pnaes oferece assistência à moradia estudantil, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultura, esporte e apoio pedagógico. As ações são executadas pela própria instituição de ensino, que deve acompanhar e avaliar o desenvolvimento do programa. In: A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014.

¹⁶ Os bairros que compõem a região da Zona Oeste são: Anil, Bangu, Barra da Tijuca, Barra de Guaratiba, Camorim, Campo Grande, Campo dos Afonsos, Cidade de Deus, Cosmos, Curicica, Deodoro, Freguesia de Jacarepaguá, Gardênia Azul, Gericinó, Grumari, Guaratiba, Inhoaíba, Itanhangá, Jacarepaguá, Jardim Sulacap, Joá, Magalhães Bastos, Paciência, Padre Miguel, Pechincha, Pedra de Guaratiba, Praça Seca, Realengo, Recreio dos Bandeirantes, Santa Cruz, Santíssimo, Senador Camará, Senador Vasconcelos, Sepetiba, Tanque, Taquara, Vargem Grande, Vargem Pequena, Vila Militar, Vila Valqueire, Vila Kennedy.

progressão de matrículas referente aos ingressos da Zona Oeste foi de 388 em 2007 para 866 em 2013, e da Baixada Fluminense de 414 para 1300 no mesmo período (apud MARIANO, 2014, p.53).

Dados do Inep apontam para um aumento do número de inscrição no Enem, no período de 2009 a 2017, entre estudantes oriundas da rede pública estadual da Baixada Fluminense, como mostra a tabela 1:

Tabela 1 - Progressão anual do número de inscritos no Enem, oriundos da rede pública estadual, segundo localidade de origem e/ou moradia na Baixada Fluminense.

Baixada Fluminense	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Belford Roxo	1013	1364	1074	1600	1093	1340	1361	1700	1538
Duque de Caxias	2089	2750	2127	2904	1983	1969	2485	3573	3417
Guapimirim	131	115	130	231	191	148	223	223	210
Itaguaí	191	277	283	342	236	307	409	602	508
Japeri	173	205	210	356	192	323	295	442	444
Magé	674	774	586	1040	751	951	1076	1330	1250
Mangaratiba	76	93	104	123	46	75	141	141	148
Mesquita	287	394	312	544	473	522	474	653	534
Nilópolis	655	741	517	920	825	996	1078	862	821
Nova Iguaçu	1862	2391	2028	2991	1973	2765	2469	3441	3102
Paracambi	170	205	160	228	182	221	201	198	185
Queimados	412	548	544	715	534	449	524	790	684
São Joao de Meriti	1230	1548	1308	1865	1520	1762	2087	2224	2067
Seropédica	336	354	236	388	419	545	381	579	492
Total Anual	9299	11759	11419	14247	10418	12373	13204	16758	15400

Fonte: Dados do Enem/Inep 2009-2017 (Organizado por Carvalho, 2019)

No entanto, há de se levar em consideração possíveis distorções entre o quantitativo absoluto e o relativo. O quantitativo absoluto refere-se ao número total de inscritos no Enem; já o relativo, são aqueles que de fato realizaram o Exame nos anos referidos. Tomando Seropédica como caso específico, o número de ingressos na UFRRJ que declara sua origem no município pode incluir também estudantes já matriculados na Rural ou egressos, visando mudança de curso ou segunda graduação via

¹⁷ Os municípios que compõem a Baixada Fluminense são: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti, Seropédica.

novo processo seletivo. Frente a isso, os dados da tabela 2 nos permitem observar a distribuição do número de ingressantes na UFRRJ oriundos da Baixada Fluminense, de acordo com a localidade de origem e/ou moradia.

Tabela 2 – Progressão anual do número de ingressos na UFRRJ segundo localidade de origem e/ou moradia na Baixada Fluminense.

Baixada Fluminense	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018*
Belford Roxo	1	0	1	0	2	1	2	2	1
Duque de Caxias	86	77	67	82	84	117	90	102	48
Guapimirim	2	0	2	2	2	1	2	3	1
Itaguaí	56	77	110	87	87	86	93	119	59
Japeri	29	41	52	35	23	28	16	39	21
Magé	18	17	24	16	10	24	23	18	13
Mangaratiba	12	23	13	15	19	18	12	14	11
Mesquita	63	67	77	74	78	101	77	82	35
Nilópolis	63	53	68	93	85	68	74	79	32
Nova Iguaçu	346	435	463	505	501	495	494	479	275
Paracambi	43	47	57	57	45	38	56	59	24
Queimados	42	60	67	52	78	62	57	63	53
São João de Meriti	2	3	0	0	0	2	0	0	1
Seropédica	149	191	224	200	212	191	207	224	105
Total de ingressos	912	1091	1225	1218	1226	1232	1203	1283	679

* Os dados referentes a 2018 representam apenas o 1º semestre letivo

Fonte: Dados Prograd/UFRRJ 2010 a 2018 (Organizado por Carvalho, 2019)

A tabela 3 apresenta a progressão anual do número de matriculados na UFRRJ, oriundos da Baixada Fluminense. A ampliação desses números deve ser lida a luz do contexto da expansão das IES, que permitiu maior acesso e permanência de determinados grupos sociais que, em período anterior, apresentavam-se em menor número, principalmente nas universidades públicas.

Tabela 3 - Progressão anual de matriculados na UFRRJ oriundos da Baixada Fluminense 2007-2018.

Ano	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18*
Baixa Fluminense	414	534	708	912	1091	1225	1218	1226	1232	1203	1283	679

* Os dados referentes a 2018 representam apenas o 1º semestre letivo

Fonte: Dados Prograd/UFRRJ 2007 a 2018 (Organizado por Carvalho, 2019)

Levando em consideração que o ponto central da análise da pesquisa está circunscrito entre o universo de estudantes da rede pública estadual em Seropédica, a tabela 4 apresenta o quantitativo de ingressos na UFRRJ referente a esse segmento, no período de 2010 até 2018¹⁸. Pode-se observar que em maior proporção, tem-se matrículas na UFRRJ oriunda da rede privada e federal, com predominância entre egressos do Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR).

Tabela 4 – Progressão anual de matriculados na UFRRJ segundo dependência administrativa 2010-2018

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018*
Rede pública federal e privada de Seropédica	108	132	172	200	139	131	156	167	74
Rede pública estadual de Seropédica	41	59	52	61	65	60	51	57	31

* Os dados referentes a 2018 representam apenas o 1º semestre letivo

Fonte: Dados Prograd/UFRRJ 2010 a 2018 (Organizado por Carvalho, 2019)

Dados do Inep apontam que, no período de 2009 a 2017, houve uma pequena progressão no número de inscritos no Enem referente aos egressos e concluintes da rede pública estadual de Seropédica. No entanto, de acordo com os dados da Prograd/UFRRJ para o mesmo período, houve baixa adesão desses agentes no universo total de matriculados na Rural, como mostra a tabela 5.

¹⁸ Os dados referentes ao número de ingressos na UFRRJ, oriundos das escolas públicas e privadas de Seropédica, relativos ao período anterior as políticas de expansão, não foram disponibilizados para consulta.

Tabela 5 - Progressão anual do número de inscritos no Enem oriundos da rede estadual de Seropédica segundo o número de matriculados na UFRRJ 2009-2018

Ano	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Inscritos Enem	336	354	236	388	419	545	381	579	492	-
Ingressos na UFRRJ %	-	41	59	52	61	65	60	51	57	31
	-	12,2%	16,7%	22%	15,7%	15,5%	11%	13,4%	9,8%	6,3%

* Os dados referentes a 2018 representam apenas o 1º semestre letivo

Fonte: Dados do Enem/Inep 2009-2017; Dados Prograd/UFRRJ 2010 a 2018 (Organizado por Carvalho, 2019)

Esse dado corrobora para a hipótese inicial desta pesquisa que diz respeito aos estudantes das escolas estaduais de Seropédica e a expectativa de ingressar na UFRRJ. Na pesquisa que realizei com os alunos dos terceiros anos do Ensino Médio de Seropédica, 85,7% dos entrevistados manifestaram algum grau de interesse em ingressar na Rural. Porém, ao compararmos essas expectativas ao número de ingressos no período de 2010 a 2017, os dados apontam um elevado distanciamento entre esses dois fatores. Esses dados serão trabalhados no capítulo 2.

Apesar da proximidade física entre a Rural e os moradores do município, pode-se observar um distanciamento social, *como se fosse um outro universo mesmo*. E, *é engraçado, porque a Universidade quase não tem nenhuma cerca ou muro, mas é como se tivesse um muro ali*. A diferença entre as expectativas e os dados reais quanto ao número de ingressos deve ser lido à luz do contexto que se configura sob a influência de diferentes fatores, entre eles a priorização da entrada no mercado de trabalho; o baixo grau de capital cultural legítimo, frente às exigências apresentadas pelos mecanismos avaliativos; a falta de incentivo familiar, entre outros. Ainda, essa impressão fundamenta-se nas narrativas que os estudantes entrevistados apresentam a respeito de suas escolhas e opções de futuro, que apesar de não excluir o desejo de fazer faculdade, o coloca em posição de menor prioridade, definida a partir da trajetória escolar e de vida que se constrói.

Nesse sentido, a pesquisa analisou as percepções entre os concluintes do Ensino Médio a respeito do Ensino Superior, assim como o possível interesse (ou desinteresse) em ingressar no mesmo, buscando mapear se a UFRRJ configura esse campo de expectativas e possibilidades. Além de seus outros interesses/expectativas após a conclusão do Ensino Médio.

CAPÍTULO 2 - O PERFIL SOCIOECONÔMICO E AS EXPECTATIVAS SOBRE O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR ENTRE ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO.

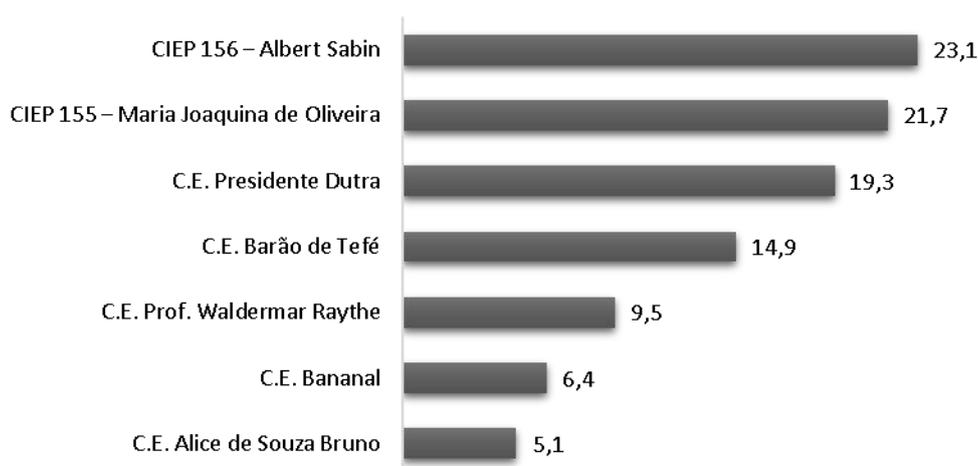
O perfil socioeconômico dos estudantes do 3º ano foi construído a partir da coleta de dados quantitativos e qualitativos. A aplicação do questionário nos permitiu mapear realidades e estruturas familiares e como elas incidem direta ou indiretamente sobre a produção das expectativas que aproximam ou distanciam esses jovens do Ensino Superior, como veremos a seguir.

2.1. Identificação e Perfil Socioeconômico

Escolas

Segundo dados da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc-RJ), a rede estadual de ensino de Seropédica possui um total de 675 estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Médio Regular. Estes estão distribuídos em 30 turmas ofertadas pelas 9 escolas do município (Censo Escolar, 2018). Desse total de matriculados, a pesquisa entrevistou 295 estudantes em 7 dessas escolas (Gráfico 1). A representatividade por escola reflete o número total de turmas de 3º ano ofertadas por cada unidade de ensino, assim como o número de matrícula e de frequência escolar no período da coleta de dados¹⁹.

Gráfico 1 - Distribuição dos estudantes segundo escola de origem %

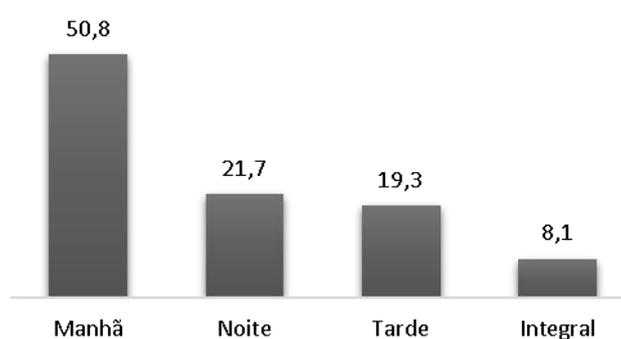


¹⁹ A maior concentração de estudantes entrevistados encontra-se no Ciep 155 (21,7%), Ciep 156 (23,1%), C.E. Presidente Dutra (19,3%) e Barão de Tefé (14,9%). Estas são escolas com maior oferta de turmas de 3º ano, assim como de estudantes matriculados. Também são as de melhor acessibilidade, estando localizadas no entorno da BR 465, via principal de acesso de ônibus e transportes alternativos.

Turnos

O maior contingente de estudantes concentra-se no turno da manhã (51%), seguido dos turnos da noite (19%) e tarde (19%). Esse dado reflete o quantitativo geral de matriculados na rede estadual em Seropédica para os três anos do Ensino Médio²⁰. Dentre esses, 8% declararam estudar em tempo integral, matriculados no curso Normal Médio e Técnico profissionalizantes²¹ (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Turno que estuda %



Local de Moradia²²

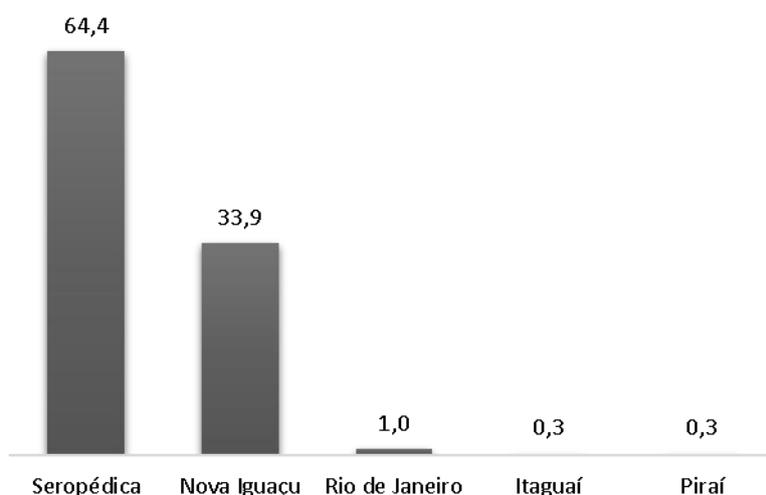
A maioria dos estudantes são residentes dos municípios de Seropédica (64,4%) e de Nova Iguaçu (33,9%)²³. Mas, apesar da maioria residir no município de localidade da escola que estuda ou mesmo próximo, muitos ainda depende de algum tipo de transporte para o deslocamento até ela.

²⁰ No C.E. Bananal, a oferta de vagas para o Ensino Médio concentra-se estritamente no turno da noite, ofertando apenas uma turma para cada ano do Ensino Médio. Durante o período da manhã e tarde a estrutura da U.E. é compartilhada com a rede municipal de educação de Seropédica, onde funciona o Ensino Fundamental. No C.E. Presidente Dutra e C.E. Prof. Waldemar Raythe as turmas são ofertadas no turno da manhã e tarde. Já no Ciep 155 – Maria Joaquina de Oliveira as ofertas são para o turno da manhã e noite. Vale ressaltar que no ano de 2017 entrou em vigor as resoluções Seeduc nº 5531 e 5532 que, entre outros fatores, estabelece a chamada política de otimização de turmas, implementada pelo então secretário de educação Wagner Victor. As implicações dessa política refletiram diretamente no fechamento de turmas e turnos em diversas escolas no Rio de Janeiro. Entre as escolas de Seropédica que tiveram turnos inteiros fechados estão: Ciep 155 Maria Joaquina de Oliveira; C.E. Waldemar Raythe; e C.E. Presidente Dutra.

²¹ Técnico Profissionalizante (11,2%) sob o regime de concomitância externa ao Ensino Médio Regular, realizados em instituições públicas e privados.

²² Durante a aplicação dos questionários observou-se certa dificuldade de alguns estudantes em delimitar o pertencimento do bairro de moradia segundo o município, oscilando entre Nova Iguaçu e Seropédica. Esse é um ponto que influi nos processos de matrícula desses estudantes podendo ocasionar uma lotação de matrícula em uma escola mais próxima ou mais distante de sua residência, dependendo da compreensão a qual município o bairro pertence.

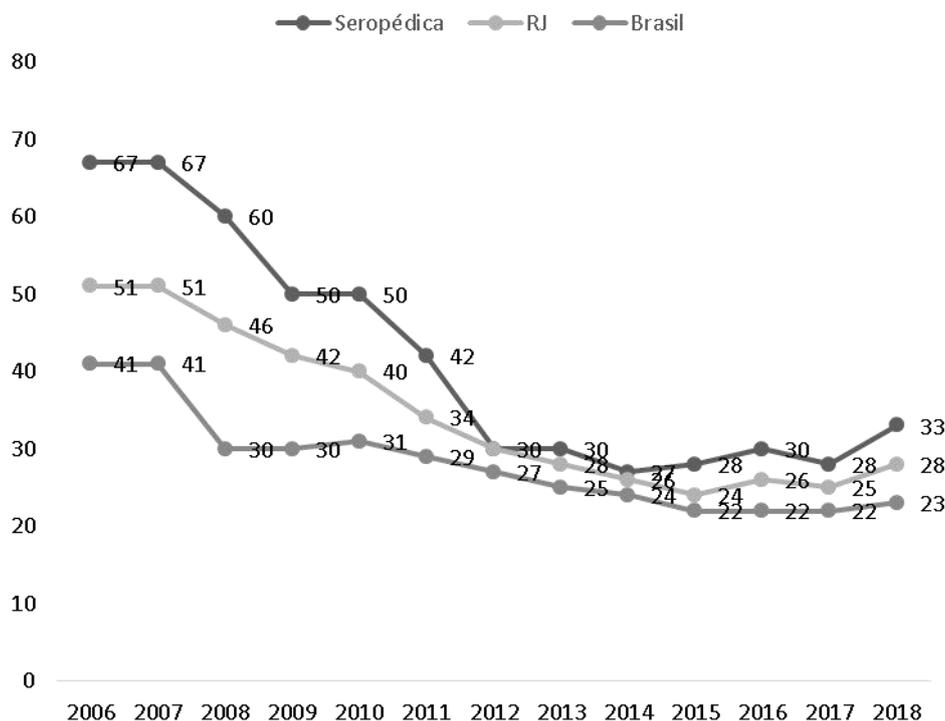
²³ A “tabela 7 - Bairros segundo o município de moradia” poderá ser consultada em Anexos.

Gráfico 3 - Município de moradia %***Idade***

De acordo com dados do Inep de 2018, de cada 100 alunos do 3º ano do Ensino Médio estadual de Seropédica, 33 estavam com atraso escolar de dois anos ou mais. Esse número representa a média de 33% de distorção idade-série. Entre os entrevistados, essa realidade se apresenta em 25,5% dos casos²⁴. A média de idade entre os estudantes que participaram da pesquisa é de 18,2. No Brasil, a distorção série-idade é maior entre os estudantes do sexo masculino para todas as etapas de ensino básico (Censo Escolar, 2018), o que pode ser observado também entre os entrevistados, representando 64,7% de estudantes do sexo masculino e 62% entre as estudantes do sexo feminino. Apesar do índice de distorção série-idade no contexto das escolas estaduais do município de Seropédica ter diminuído entre os anos de 2006 a 2018, chegando praticamente à metade, ele ainda é maior que a média nacional e estadual, como mostra o Gráfico 4.

²⁴ Entre os que possuem 20 anos ou mais (10,5%), encontram-se, predominantemente, matriculados no curso Normal Médio e/ou matriculados em período noturno.

Gráfico 4 - Distorção série-idade entre estudantes do 3º ano - 2006 a 2018 %



Fonte: Inep, 2018. Organizado por Carvalho, 2019.

Sexo/gênero

A distribuição dos entrevistados segundo sexo/gênero apresenta um predomínio de estudantes do sexo feminino (53,6%) em relação ao sexo masculino (46,1%) e 1 entrevistado declarou-se transgênero, representando 0,3% do total dos entrevistados²⁵. Essa distribuição representa uma tendência nacional que mostra maior presença de mulheres nos diferentes segmentos da educação formal. Esse fato pode ser explicado sob a influência de diferentes fatores, tais como: maior evasão escolar entre os estudantes homens durante o Ensino Médio; a inserção no mercado de trabalho de maneira precoce; as diferentes expectativas que ambos os sexos atribuem a educação básica e, ainda, a continuidade dos estudos na educação superior.

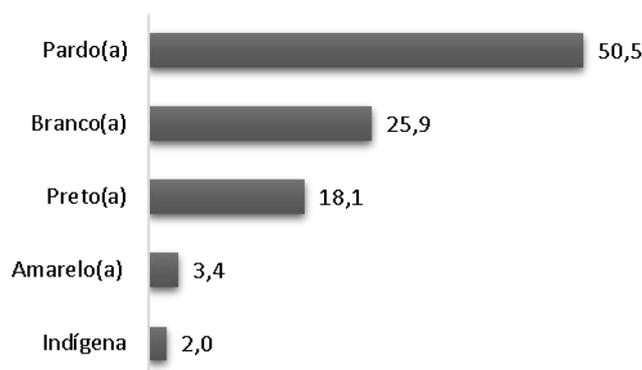
²⁵ O estudante em questão é homem trans. No entanto, o mesmo declarou-se apenas como trans. A pergunta realizada foi “Qual seu sexo/gênero?”.

Cor/raça

A cor/raça é um dos importantes indicadores utilizados para analisar as desigualdades no Brasil. Entre os estudantes, o marcador social revela a estranheza dos *não brancos* com a pergunta “qual é sua cor/raça?”, quando se deparam com o imperativo da autodeclaração²⁶, principalmente no que tange ao reconhecimento das categorias de referências, as mesmas utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na realização do censo demográfico.

Do total de entrevistados, 68,6% compõe a população negra (18,1% são pretos e 50,5% são pardos), 25,9% são brancos e 3,4% se declararam amarelos²⁷ (Gráfico 5). A porcentagem de estudantes negros (68,6%) ultrapassa o quantitativo nacional da população estudantil referente aos três anos do Ensino Médio, que se concentra em 54,7% (INEP, 2018). Com exceção das creches e da educação profissional concomitante ou subsequente ao Ensino Médio regular, em todas as demais etapas da educação básica a concentração dessa população possuem predomínio à de brancos.

Gráfico 5 - Cor/raça %



Estado civil e filhos

Entre os entrevistados, 93,8% declararam-se solteiro, 4,1% de casados (as), e 1,4% separado. Ainda, observa-se que quase a totalidade dos entrevistados afirmou não possuir filhos, o que representa 95,2% dos estudantes. Já os que têm, 3,5% disseram possuir um filho, 1,0% com dois filhos e 0,3% com 3 filhos (1 entrevistado).

²⁶ Durante a aplicação foi possível observar certa “incomodo” entre os que se autodeclaravam “morenos”, assim como as ditas “variações” de morenos. Em sua maioria, a definição destes baseava-se numa breve avaliação feita ao esticarem o braço, questionando-se em tom audível sobre qual seria sua cor. Em alguns casos, os questionamentos eram respondidos pelos colegas de modo a gerar controvérsias quanto à autopercepção deste.

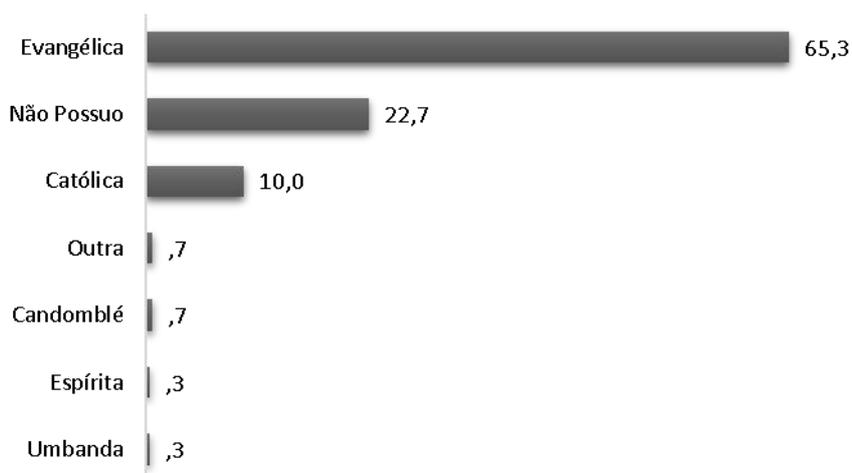
²⁷ Compreendo que, dentro deste campo de pesquisa, a autodeclaração da cor/raça amarela reproduz os mesmos processos de construção que os que se autodeclaravam pardos faziam a respeito de si, a julgar pela cor da pele, não representando um fator identitário/étnico, tendo em vista os comentários durante a aplicação, tais como: “eu sou amarela (o), não vou à praia faz tempo”.

Religião

O município de Seropédica passou por uma acelerada transformação no cenário religioso desde o início dos anos 90, quando no campo de disputas religiosas o catolicismo começa a perder lugar para o segmento evangélico. A população evangélica saltou de 21% para 44% em 2010, segundo dados do Censo (2010). Neste mesmo período, o segundo lugar em adesão religiosa encontra-se os católicos com 27,4% e os sem religião com 22,3%. A partir de um recorte etário, observa-se que a predominância do catolicismo encontra-se entre a população de idosos.

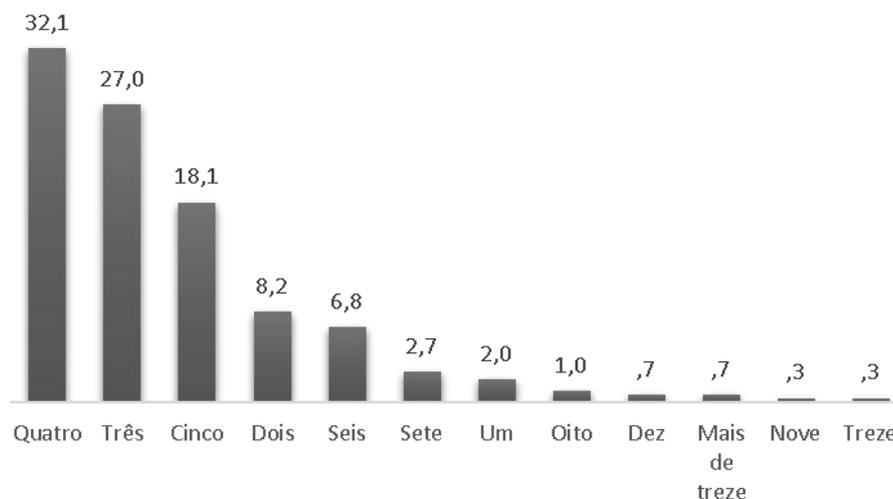
Os dados coletados refletem o cenário religioso do município, onde há predominância do segmento evangélico, representando 65,3% dos estudantes, seguido de 22,7% que afirmam não possuir religião. Entre os que se autodeclararam católicos tem-se 10%. Os estudantes com adesão a religiões afrobrasileiras (candomblé e umbanda) somam-se 1,0% (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Adesão religiosa%



Pessoas por residência

Os dados referentes ao número de pessoas por residência estabelecem uma média de 4,6 habitantes por moradia. A concentração desses números encontra-se em 3, 4 e 5 pessoas por residência, representando respectivamente 27%, 32% e 18,1% das casas desses estudantes (Gráfico 7).

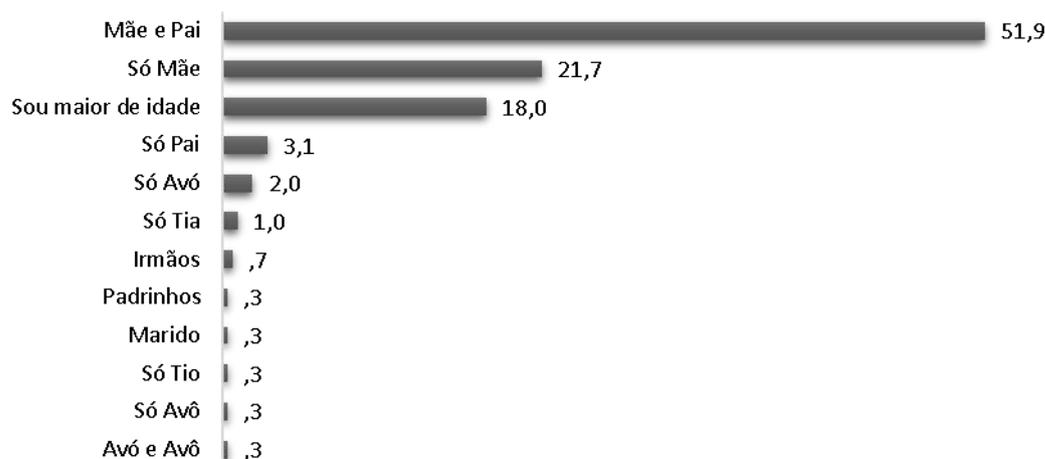
Gráfico 7 – Número de pessoas por residências %

Perfil dos Responsáveis

Quem são os responsáveis?

Os dados referentes aos responsáveis nos possibilitam mapear os possíveis arranjos familiares dos entrevistados, auxiliando para uma análise sobre suas trajetórias a partir das diferentes formas de coexistência dos mesmos. A pesquisa revelou que em 51,9% dos casos, a figura do responsável está centrada no pai e na mãe, indicando os vínculos de família nuclear tradicional. Já em 21,7%, a mãe é apresentada como a responsável, o que faz inferir que a configuração familiar é monoparental (Gráfico 8). Apesar de 18% se declararem *maior de idade*, esse número não reflete os números reais de estudantes com mais de 18 anos. Uma possível leitura para compreensão desse resultado está relacionada aos vínculos de autonomia e dependência financeira e/ou emocional desse estudante em relação aos seus responsáveis. Ainda, outros membros da família aparecem como responsáveis legais, entre estes avós (2,6%), tios (1,3) e irmãos (0,7%). Em menor número, padrinhos (0,3%) e marido²⁸ (0,3) (1 entrevistada).

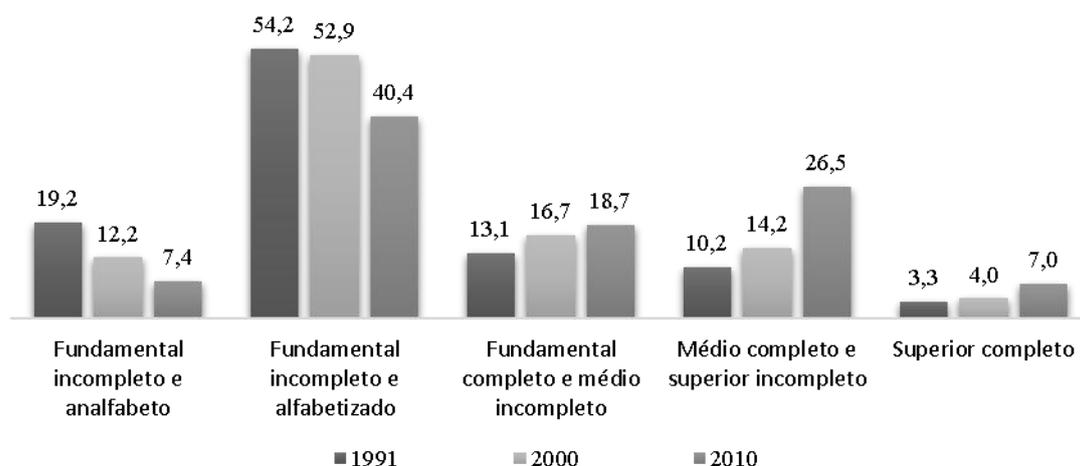
²⁸Chamo atenção para este último, tendo em vista a presença da figura do marido como responsável legal entre estudantes não ocorre somente entre as estudantes do terceiro ano, mas também no primeiro e segundo ano do Ensino Médio. Esta informação está baseada na minha experiência como professora, a partir das narrativas das próprias estudantes assim como relatos de outros professores sobre casos como este.

Gráfico 8 - Responsável legal dos estudantes %

Escolaridade

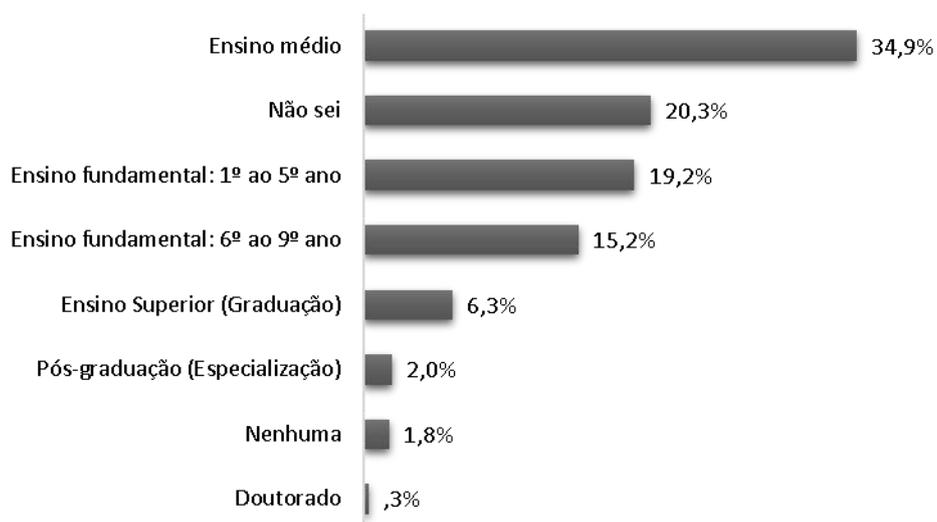
Segundo dados da PNUD (2013) no ano de 2010 o grau de escolaridade da população de Seropédica com 25 anos ou mais, tinha em sua conformação 7,4% de analfabetos e/ou com Ensino Fundamental incompleto; 52,2% possuía o fundamental completo; 33,5% o médio completo; e 7,0% o Ensino Superior completo. Pode-se observar uma progressão desse quantitativo em relação ao ano de 1991, refletindo um aumento da escolaridade entre a população adulta do município. No Brasil, temos 11,8% de analfabetos e/ou com Ensino Fundamental incompleto, 50,8% com Ensino Fundamental Completo, 35,8% para o Ensino Médio completo e 11,3% o Ensino Superior completo²⁹. Os dados abaixo se referem à escolaridade da população adulta do município para os anos de 1991, 2000 e 2010.

²⁹ O quantitativo da população de 18 anos ou mais com o Ensino Fundamental completo junto a outros indicadores no campo da educação, integra o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Gráfico 9 - Escolaridade da população de Seropédica de 25 anos ou mais %

Fonte: PNUD, Ipea e FJP (2013). Organizado por: Carvalho, J.G.

O grau de escolaridade entre os responsáveis dos entrevistados concentra-se no Ensino Médio, correspondendo a 34,9%. O quantitativo dos que não possui nenhuma escolaridade é baixo, 1,8%; 19,2% possuem entre 1º e o 5º ano do Ensino Fundamental; 15,2% entre o 6º ao 9º ano. Na outra ponta tem-se 8,6% dos responsáveis com o Ensino Superior completo, número semelhante ao nível municipal no ano de 2010 (PNUD, 2013). Observa-se que o número de responsáveis com o Ensino Médio ultrapassam a média da população adulta do município (9,9%). Ainda, 20,3% dos estudantes disseram não saber a escolarização do pai, mãe e/ou responsável. Os dados nos revelaram uma superação dos anos de estudos dos entrevistados em relação a escolaridade de seus pais.

Gráfico 10 - Escolaridade dos responsáveis (pai, mãe e outros) %

A média da escolaridade do pai e da mãe encontra-se no intervalo de dados do 6º ao 9º ano³⁰. Com exceção do segundo ciclo do Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano - o grau de escolaridade das mães é superior à dos pais em todas as outras etapas da formação escolar. Destaque para o Ensino Médio, onde representam 20,7% em relação aos pais (14,2%). No Ensino Superior as mães desempenham 4,1% dos resultados entre graduação, especialização e doutorado. Nesta etapa, os pais representam 2,6%. O grau de escolarização dos responsáveis, principalmente da mãe, é um dos fatores associados à mobilidade educacional intergeracional.

Entre os entrevistados, quase a metade (48%) afirmaram ter referência de outros membros da família, exceto os responsáveis, que ingressaram e/ou concluíram o Ensino Superior, quer seja nas IES públicas ou privadas.

Ocupação: pai, mãe e/ou outro representante legal³¹

Os dados referentes à ocupação revelam que 26% dos entrevistados não sabem qual a ocupação desempenhada pelos responsáveis. Entre os que não compõem a parcela economicamente ativa no mercado de trabalho soma-se 5,6%. Já entre os que desempenham alguma atividade remunerada, quer seja por inserção de trabalho formal ou informal, tem-se 23,6% dos responsáveis em ocupações relacionadas a vendas do comércio em lojas e mercados (G5); 18,1% em atividades na produção de bens e serviços industriais (G7 e G8); 1,9% em ocupações relativas a serviços de reparação e manutenção (G9); 3,2% atuando como técnico de nível médio (G3); 1,0% são trabalhadores em ocupações relacionadas à agropecuária (G6). Ademais, 1,0 % estão em ocupações relativas a serviços administrativos; 1,9% em ocupações relacionadas ao poder público, dirigentes de organizações de interesses de empresas, gerentes (G1); 2,6% estão em ocupações relacionadas às ciências e as artes (G2). As ocupações ligadas às forças armadas, policiais e bombeiros é baixo, representam apenas 0,3% (G0). Ainda,

³⁰ O cálculo da média para pai e mãe resultou nos valores 3,2 e 3,4 respectivamente. Esse dado indica que a média de escolaridade concentrada no segundo segmento do Ensino Fundamental.

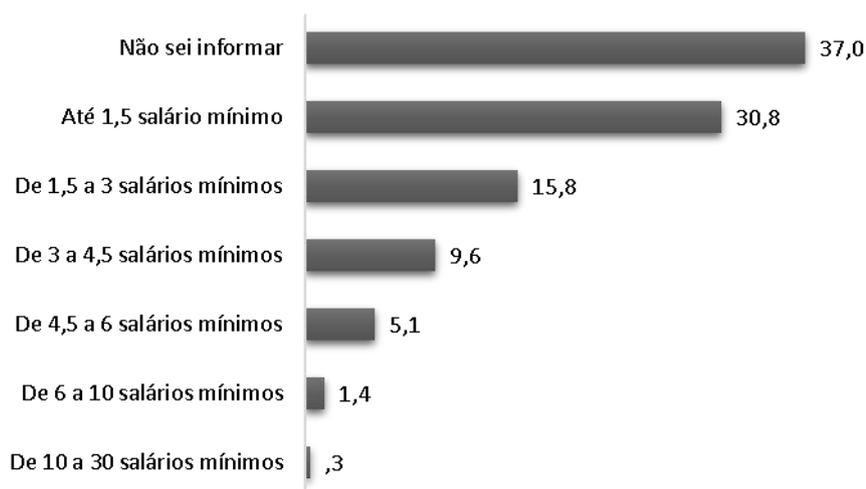
³¹ As ocupações foram classificadas segundo Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2010), desenvolvida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). As referências seguem a categorização de grandes grupos (Grupo 0 ao Grupo 9). A mesma foi utilizada para fins de classificação das ocupações desempenhadas pelos responsáveis quanto às desempenhadas pelos estudantes. A referência dos grandes grupos encontra-se disponível em anexo na Tabela 9. As Tabelas 10, 11 e 12 refere-se as ocupações dos responsáveis segundo as respostas dadas pelos estudantes.

8,9% desempenham atividades do lar³²; 2,1% são autônomos³³; e 1,2% informaram que o responsável é aposentado.

Renda familiar

Além do expressivo número de estudante que desconhecem a ocupação dos responsáveis (26%), chama atenção também a alta porcentagem daqueles que desconhecem a renda mensal familiar (37%). Já entre os que informaram³⁴, chama observa-se um predomínio de famílias que ganham até 1,5 salários mínimos (30,8%). Ainda, há uma progressão decrescente no número de famílias com renda maior que 1,5 salários mínimos. Famílias com renda entre 1,5 até 3 salários mínimos representa 15,8%; entre 3 a 4,5 salários mínimos são 9,6% das famílias dos entrevistados; e 5,1% com renda superior a 4,5 salários mínimos (Gráfico 11).

Gráfico 11- Renda mensal familiar %



Em média, os entrevistados integram famílias compostas por 4 pessoas por residência, com renda básica que representa estratos de menor poder aquisitivo. A escolaridade média dos responsáveis é o segundo segmento do Ensino Fundamental, onde, em todos os níveis, as mães apresentam maior escolaridade que os pais. As

³² A pergunta relativa ao trabalho do pai/mãe/responsável foi estruturada de forma aberta, permitindo que o estudante indicasse qual ocupação o mesmo desempenhava no período da aplicação do questionário, ou ainda se o mesmo se encontrava desempregado. Durante a aplicação pode-se observar certo debate entre alguns entrevistados quanto à compreensão do que era considerado trabalho e, ainda, se o trabalho doméstico (do lar) desempenhado pelas mães poderia ou não ser considerado trabalho, tendo em vista a ausência de remuneração.

³³ Não houve especificação das atividades desempenhadas.

³⁴ Entre os que informaram a renda mensal familiar, a média de renda resultou em um valor de 1,9, e de acordo com os critérios de classificação, tal média se encontra dentro do segundo intervalo, ou seja, 1,5 a 3 salários mínimos.

ocupações desempenhadas estão ligadas ao setor de prestação de serviços, na maioria dos casos sem vínculo empregatício formal.

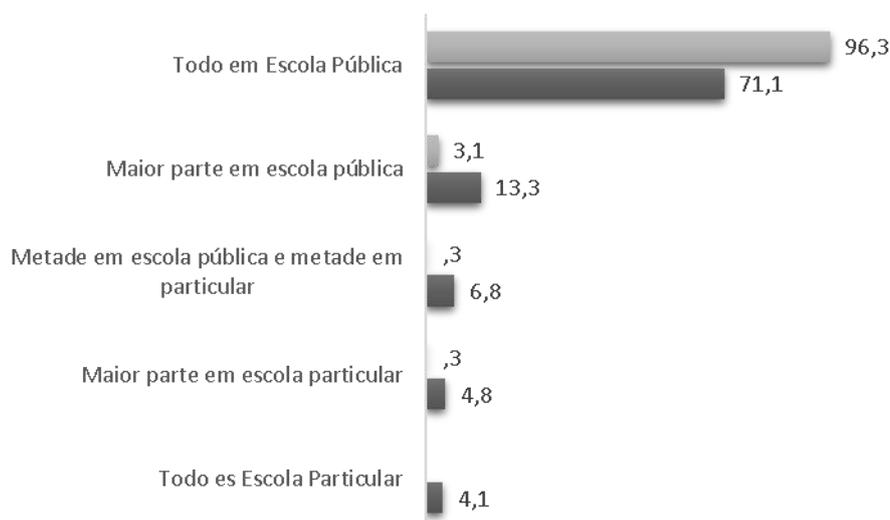
O contexto familiar exerce um papel importante na vida dos jovens. As trajetórias de vidas desses estudantes vão ser fortemente influenciadas por diferentes indicadores sociais, entre eles, grau de escolaridade e nível de rendimento dos responsáveis, viabilizando maiores ou menores chances de mobilidade intergeracional ascendente ou descendente.

2.2 Trajetórias Escolares

Origem escolar

A trajetória escolar dos entrevistados tem como origem e base à escola pública, do Ensino Fundamental (71,1%) até o Ensino Médio (96,6%). A passagem pela rede privada se dá, predominantemente, no Ensino Fundamental, mas apesar disso, os dados confirmam a predominância do ensino público também neste segmento (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Origem da dependência administrativa no Ensino Fundamental e Médio%



Cursos profissionalizantes

A relação escolarização e trabalho têm apresentado aos estudantes os cursos profissionalizantes como possibilidades de sanar necessidades imediatas de ingresso no mercado de trabalho. Os cursos profissionalizantes podem ser realizados de maneira concomitante ao Ensino Médio, tanto para os de caráter técnico quanto os de

qualificação. Entre os entrevistados, 11,3% disseram realizar curso Técnico Médio com concomitância ao Médio Regular. O tempo de duração desses cursos corresponde aproximadamente o mesmo tempo de duração que o Ensino Médio Regular, ou seja, dois a três anos. Os cursos de maior predominância entre os entrevistados (55,3%) são os de caráter de qualificação e aperfeiçoamento profissional, cursos de curta duração.

Entre os cursos técnicos profissionalizantes de nível médio realizado pelos entrevistados, ganha destaque o de Técnico em Enfermagem. Para os cursos de qualificação e aperfeiçoamento profissional, o destaque está entre os cursos de informática (25,1%), administração (4,7%) e gestão empresarial (2,4%). Ainda, a frequência de estudantes em cursos de línguas representa 13,9% dos casos. O maior interesse por cursos profissionalizantes de curta duração reflete a busca por possibilidades mais imediatas em inserir-se no mundo do trabalho (Tabela 6).

Tabela 6 - Cursos Técnicos e de qualificação e aperfeiçoamento profissional

Cursos	%
Técnico profissional*	11,2
Qualificação e aperfeiçoamento profissional**	55,3

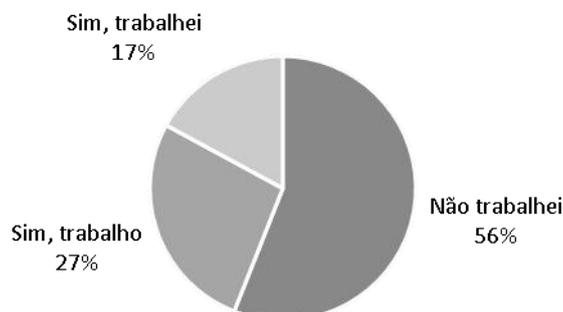
*Técnico de nível médio com concomitância externa.

**Cursos de curta duração

Escola e trabalho

Recorrentemente a relação trabalho e escola é apresentada como um dos fatores que implicam no grau de infrequência, reprovação e evasão escolar entre os jovens das camadas populares, principalmente os estudantes do sexo masculino. Os dados coletados pela pesquisa trazem uma realidade em que 44,1% dos entrevistados afirmam ter trabalhado em concomitância ao Ensino Médio. Entre estes, 27% disseram encontrar-se no desempenhando de suas ocupações (Gráfico 13).

Gráfico 13 - Estudantes com experiência de trabalho durante o Ensino Médio %



Entre as ocupações desempenhadas pelos estudantes³⁵ encontram-se prestação de serviços, vendas no comércio em lojas e mercados (41,8%); jovem aprendiz³⁶ (16,5%); serviços de reparação e manutenção (14,3%); na produção de bens e serviços industriais (8,8%); técnicos de nível médio (5,5%); serviços nas forças armadas (3,3%); 2,2% em ocupações relacionadas as ciências e as artes; e, 1,1% em ocupações relativas a agropecuária. Entre os que não especificaram ocupações fixas, tem-se 4,4% atuando em atividades diversas, o chamado bico. Vale destacar que 2,2% sinalizou o trabalho do lar em suas ocupações.

O perfil socioeconômico mostra que a maioria dos estudantes do 3º ano reside no próprio município de Seropédica, seguido de Nova Iguaçu, e metade estudam no turno da manhã. O número de estudantes do sexo feminino é próximo ao do sexo masculino, mas a predominância ainda é feminina. O perfil destaca, são jovens solteiros, sem filhos, com idade média de 18 anos e de predominância negra (somam-se pardos e negros). A adesão religiosa evangélica é predominante entre os estudantes, mas chama atenção o quantitativo dos que não possuem religião, sendo maior do que o de católicos. A distorção idade-série é de 2 anos, apresentando-se maior que a média nacional.

A renda média familiar é de 1,5 até 3 salários mínimos, para um perfil de família composta em média de 4 pessoas por residência. Já a escolaridade dos pais é baixa, concentra-se no segundo ciclo do Ensino Fundamental, o que corresponde do 6º ao 9º

³⁵ A tabela 14 refere-se às ocupações desempenhadas pelos estudantes encontra-se disponível em Anexos.

³⁶ A Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000 regulamenta o trabalho de aprendiz. "Art. 428. Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de 14 (quatorze) e menor de 24 (vinte e quatro) anos inscrito em programa de aprendizagem formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar com zelo e diligência as tarefas necessárias a essa. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11180.htm#art18

ano. As ocupações desempenhadas pelos responsáveis concentram-se na área de prestação de serviços, principalmente no setor informal.

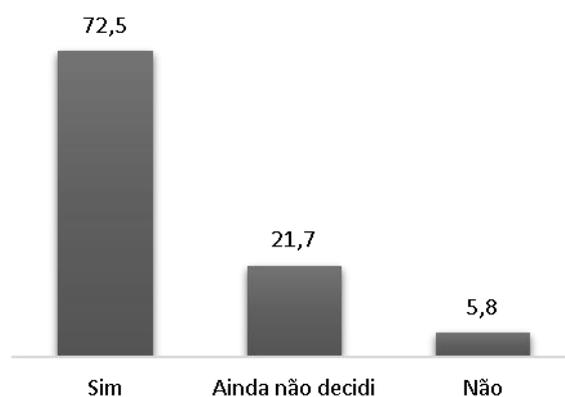
Em mais da metade a configuração familiar é nuclear tradicional, mas as famílias monoparentais centrada na mãe também apresentam grande expressividade. São estudantes quem tem em sua trajetória escolar a predominância do ensino público desde o Ensino Fundamental. Muitos realizam algum tipo de curso técnico e/ou de qualificação e aperfeiçoamento profissional, e quase a metade deles possui experiência de trabalho anterior ou atual, em ocupações na área de prestação de serviços, com atuação informal, assim como seus responsáveis.

2.3. Percepções sobre Ensino Superior e expectativas para depois do Ensino Médio

Percepções sobre Enem e o Ingresso no Ensino Superior

A principal variável que mobiliza o debate apresentado por esta pesquisa refere-se ao interesse dos estudantes em ingressar no Ensino Superior. Apesar da recorrente associação desses estudantes à *falta de interesse* pelos estudos, os dados obtidos trazem uma nova perspectiva sobre essa relação. Um número expressivo entre os entrevistados (72,5%) afirmam que pretendem *fazer faculdade*. Apesar de 21,7% ainda não ter decidido sobre *fazer* ou *não*, este fato corrobora para a manutenção da possibilidade entre os mesmo. Apenas 5,8% disseram não querer cursar o Ensino Superior (Gráfico 14).

Gráfico 14 - Estudantes que pretendem fazer faculdade %



Apesar da alta porcentagem de interessados em *fazer faculdade*, o número de inscritos no Enem 2018 (64%) corrobora as análises de estudos sobre a trajetória escolar

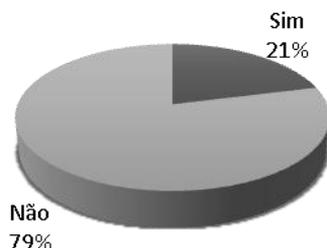
entre estudantes de camadas populares, que mostram que, na maioria das vezes, a transição entre o Ensino Médio e o Ensino Superior não se desencadeia de forma progressiva/sequencial. Isso significa que, em muitos casos, por diferentes motivos, esses estudantes percorrem trajetórias mais longas até a chegada na faculdade.

Gráfico 15 - Estudantes inscritos no Enem 2018 %



Entre as expectativas de *fazer faculdade* e a preparação para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio, ainda há um longo caminho a ser percorrido. Poucos são os estudantes que realizam curso preparatório para o Enem (21%). E entre os que fazem curso, 11,3% não se inscreveram para realização da prova no ano em questão.

Gráfico 16 - Estudantes que estão fazendo curso preparatório para o Enem %

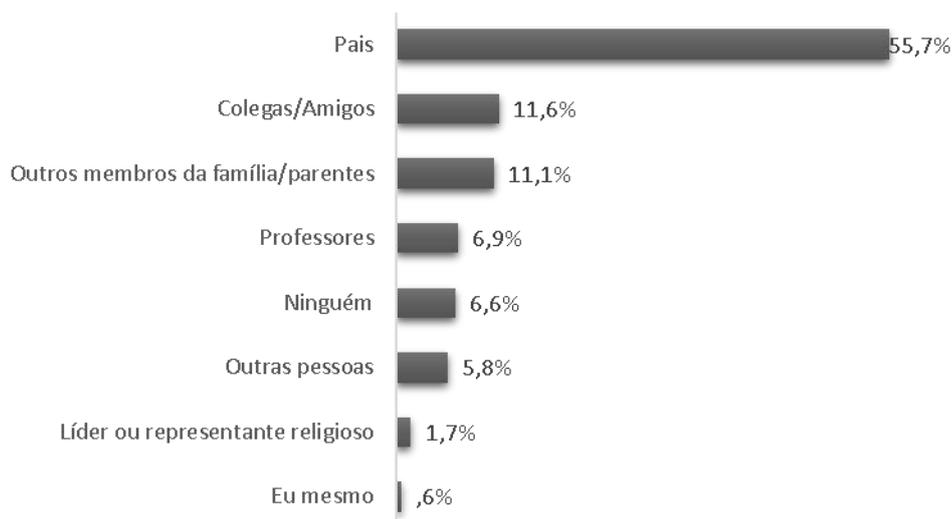


A produção das aspirações sobre o *fazer faculdade* se constitui no processo de sociabilidade, marcada sob a influência de diferentes agentes sociais. Entre os entrevistados, 55,7% afirmaram que os pais são os que mais incentivam a continuarem estudando e *fazer faculdade*. Em menor escala, compõem os agentes incentivadores “Outros familiares/parentes” (11,1%), “colegas e amigos” (11,6%), “professores” (6,9%), “líderes/representantes religiosos” (1,5%). Ainda, 6,6% disseram não receber incentivo de ninguém sobre cursar o Ensino Superior (Gráfico 17).

A importância do incentivo dos pais para produção das aspirações e o prolongamento das trajetórias escolares foi um dos pontos que marcou o debate entre alguns estudantes em momento posterior a aplicação do questionário. Para eles, o apoio e incentivo dos pais é fundamental para que os jovens façam faculdade ou não. Essa questão tornou-se mais evidente nas falas de estudantes do colégio Waldemar Raythe,

que afirmaram entre si, de forma enfática e incisiva, que os jovens não fazem faculdade porque os pais não incentivam e exigem que eles arrumem um emprego ou que sigam carreira militar. E que somente após terem algum tipo de estabilidade financeira poderão fazer faculdade, porque terão dinheiro para pagar.

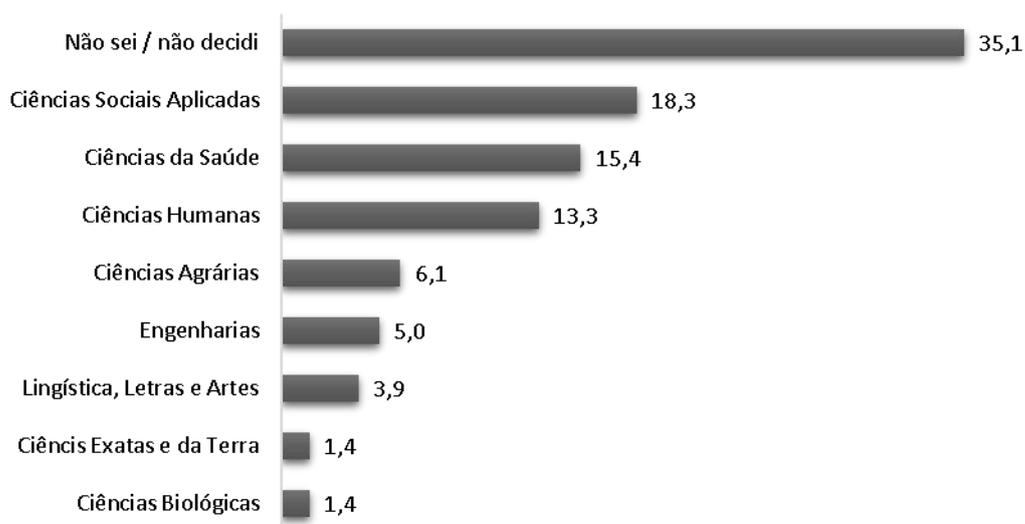
Gráfico 17 – Quem incentiva a fazer faculdade %



Entre os que afirmaram possuir interesse em ingressar no Ensino Superior, 35,1% ainda não sabe ou não decidiu o curso que deseja realizar. Entre as áreas de interesse estão Ciências Sociais Aplicadas (18,3%); Ciências da Saúde (15,4%); Ciências Humanas (13,3%); Ciências Agrárias (6,1%); Engenharias (5%); Linguística, Letras e Artes (3,9%); e Ciências Exatas e da Terra e Ciências Biológicas (1,4%) (Gráfico 18). Os cursos de maior interesse destacam-se: Direito (12,7%), Educação Física (11%), Psicologia (8,8%), Medicina Veterinária (8,3%), Administração (8,3%), Medicina (5,5%) e Pedagogia (3,9%)³⁷.

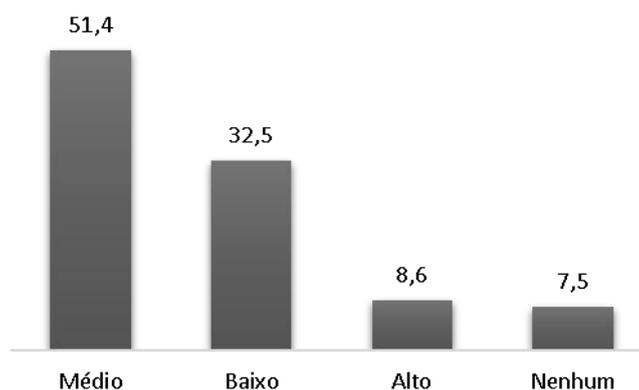
³⁷ Seis dos setes cursos de maior procura entre os estudantes são oferecidos pela Universidade Rural. Ainda, no total de quarenta cursos indicados pelos mesmos, vinte e dois estão presentes na UFRRJ.

Gráfico 18 – Área de concentração dos cursos pretendidos %



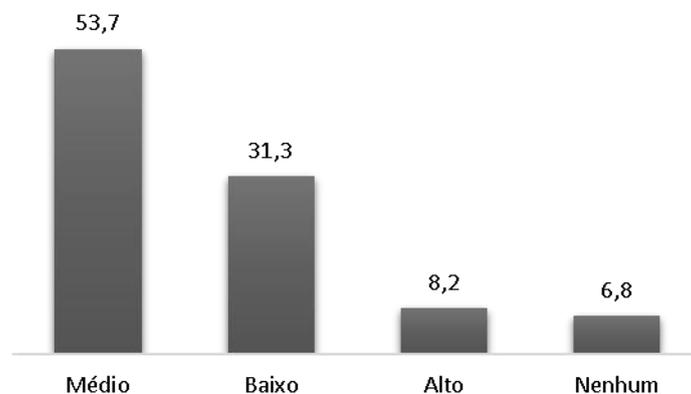
A pesquisa buscou coletar e analisar a percepção dos estudantes sobre suas próprias expectativas em *fazer faculdade* e/ou ingressar na Rural, assim como suas percepções a respeito dos estudantes de sua própria escola e também de outras escolas de Seropédica em geral. Entre os entrevistados, 92,5% acreditam que os estudantes de sua própria escola teriam algum grau de interesse em *fazer faculdade*. Apenas 7,5% acreditam que eles não possuem interesse nenhum (Gráfico 19).

Gráfico 19 – Percepção sobre o grau de interesse entre estudantes da sua escola em fazer faculdade %



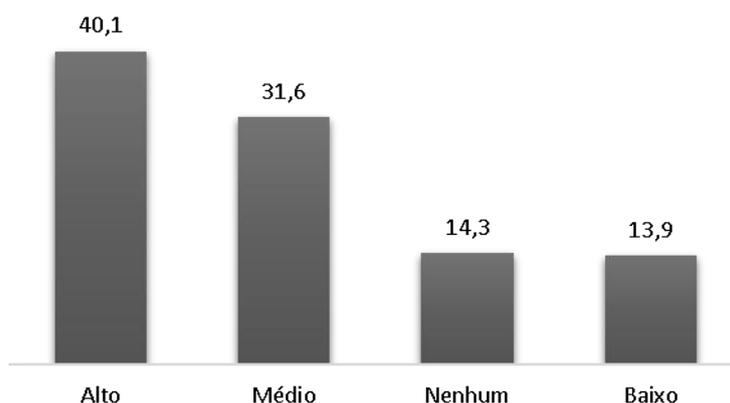
Quando o grupo referenciado são os estudantes de Seropédica de forma geral, os números são bem próximos à percepção sobre os estudantes da própria escola. Tem-se assim 93, 2% que acreditam que os estudantes do município apresentam algum grau de interesse pelo ingresso no Ensino Superior; e, apenas, 6,8% acredita que não há nenhum interesse (Gráfico 20).

Gráfico 20 – Percepção sobre o grau de interesse entre estudantes de Seropédica em fazer faculdade %



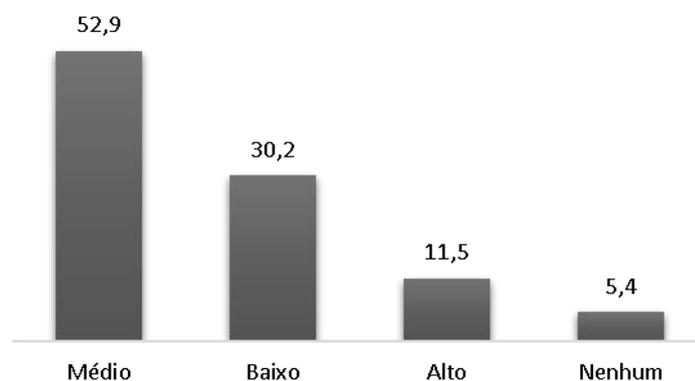
Os resultados são semelhantes quando as expectativas de ingresso são direcionadas para Universidade Rural. Entre os entrevistados, 85,7% afirmou possuir algum grau de interesse em estudar na Rural. Apenas 14,3% afirmou não possuir interesse nenhum, como mostra o (Gráfico 21). Entre conversas durante a entrevista, alguns estudantes mencionavam o curso desejado, e afirmavam que não *faria Rural* porque *não tinha o curso que queria*. No entanto, observa-se certa falta de informação dos estudantes quanto aos cursos ofertados pela UFRRJ, pois alguns dos cursos mencionados por eles também são oferecidos pela instituição.

Gráfico 21 - Qual seu grau de interesse em ingressar na Rural %



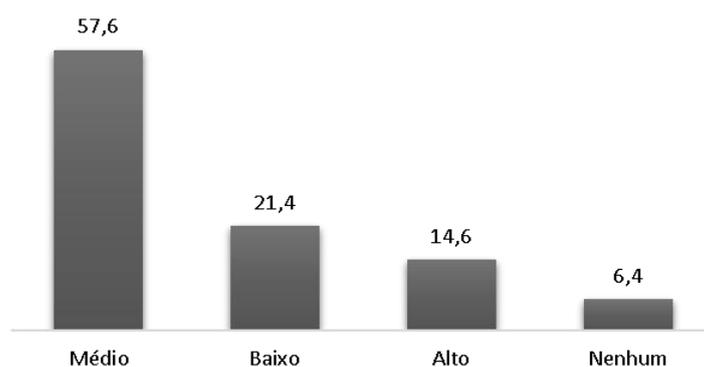
Quanto à percepção dos entrevistados sobre o grau de interesse dos estudantes da própria escola em ingressar na UFRRJ, 94,6% acredita que há algum grau de interesse dos mesmos em estudar na Rural. Observa-se que a concentração das respostas está no intervalo de interesse médio, somando 52,9%, enquanto 30,2% respondeu que o interesse é baixo. E, apenas 5,4% afirmou que os estudantes de sua escola não possuem interesse algum pela Rural (Gráfico 22).

Gráfico 22 - Percepção sobre o grau de interesse dos estudantes da própria escola em ingressar na Rural %

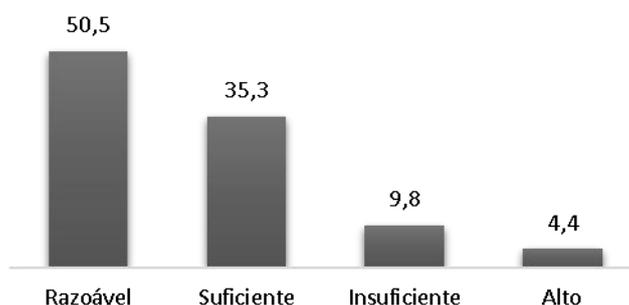


Quando o foco são os estudantes do município, não variabilidade significativa quando comparado à percepção sobre os estudantes da própria escola. Para 93,6%, os estudantes de Seropédica possuem algum interesse em *estudar na Rural*. Se compararmos o “interesse em fazer faculdade” entre os estudantes de Seropédica e o “interesse em ingressar na Rural”, observa-se que grau de interesse pela Rural é mais elevado entre os níveis médio e alto (Gráfico 23).

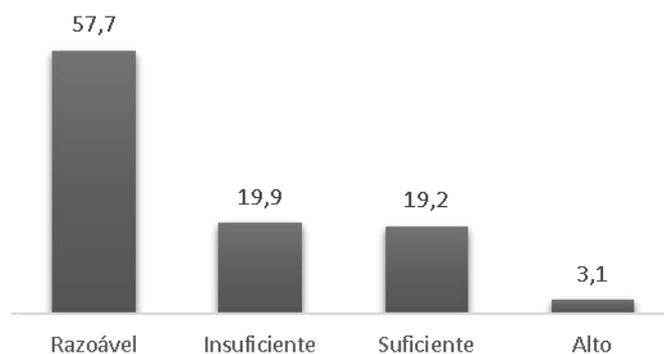
Gráfico 23 - Percepção sobre o grau de interesse dos estudantes de Seropédica em ingressar na Rural %



A percepção dos entrevistados sobre o próprio nível de conhecimento adquirido ao longo do Ensino Médio, refletida numa escala de satisfação, mostra que metades dos entrevistados (50,5%) avaliam que os conhecimentos adquiridos durante essa etapa final da Educação Básica representa um nível razoável de conhecimento; já 35,3% classificaram como sendo suficiente; apenas 4,4% avaliaram o nível como alto. Ainda, 9,8% dos entrevistados classificaram como insuficiente.

Gráfico 24 - Avaliação do nível de conhecimento adquirido no Ensino Médio %

Quanto a avaliação que fazem sobre o nível de conhecimento para realização do Enem, observa-se que um decréscimo entre os que afirmaram que o Ensino Médio lhes proporcionou um nível de conhecimento suficiente. Sendo assim, 57,7% disseram considerar razoável seu nível de conhecimento para realização do exame. Já 19,2%, acredita que o conhecimento acumulado ao longo do Ensino Médio pode ser considerado como suficiente, indicando maiores chances para uma possível aprovação no Enem; o mesmo quantitativo (19,9%) afirmou que seu nível de conhecimento é insuficiente para obtenção do êxito. Apenas 3,1% avaliou seu nível de conhecimento como alto (Gráfico 25).

Gráfico 25 – Avaliação do nível de conhecimento para realização do Enem %

Em síntese, os dados revelaram que há um elevado nível de interesse em permanecer estudando, o que pode ser observado nas expectativas de ingresso no Ensino Superior. Em 2018, mais da metade dos entrevistados estavam inscritos para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio. Porém, poucos realizavam cursos preparatórios que direcionassem seus estudos para esta avaliação. De acordo com os estudantes, os pais assumem o papel de destaque entre os agentes que mobilizam incentivos, quer seja de forma material ou outras formas de apoio, emocional, psicológico, afetivo, etc., para que ingressem no Ensino Superior. As áreas de

conhecimento de maior interesse são: Ciências Sociais Aplicadas, seguidas de Ciências da Saúde e Ciências Humanas. Observa-se a presença de um número considerável de estudantes que ainda não *decidiram* o curso *desejado*. Ainda, na percepção dos entrevistados, tanto os estudantes de sua escola como os estudantes do município, apresentam algum grau de interesse em ingressar no Ensino Superior e apontam o mesmo interesse quando direcionado para o ingresso na Universidade Rural. Porém, a avaliação que esses estudantes fazem sobre o conhecimento adquirido ao longo de seu percurso formativo aparece abaixo das exigências feitas pelo Enem.

Percepções sobre o não ingresso no Ensino Superior

Diferentes fatores foram apontados como causas prováveis para que os estudantes das escolas de Seropédica não ingressem no Ensino Superior. Sobre a pergunta “*Em sua opinião, quais os principais motivos que influenciam os estudantes de ensino médio das escolas de Seropédica a não fazer faculdade?*”³⁸ as respostas revelaram que *a falta de interesse em fazer faculdade*, seria o principal motivo para 30,2% dos entrevistados (Gráfico 26).

Gráfico 26 – Principais motivos que influenciam estudantes de Seropédica a não fazer faculdade %



³⁸ O questionário contou com duas perguntas abertas que foram categorizadas segundo a frequência de respostas dadas pelos entrevistados, e tabuladas em códigos para inserção no banco de dados. A categorização permitiu que houvesse mais de uma possibilidade de resposta para a mesma pergunta.

No entanto, na maioria das respostas, *a falta de interesse* aparece correlacionada a outros fatores como trabalho, falta de renda e incentivo para os estudos, falta de preparo, etc., como pode ser observado nas respostas abaixo,

Falta de interesse, pois muitos querem só trabalhar, ganhar dinheiro e gastar com festas e bebidas;

Falta de interesse, são pessoas sem olhar no futuro, pensam só no agora;

Muitos começam a trabalhar muito cedo e acaba atrapalhando e gerando o desinteresse de fazer faculdade;

Falta de interesse, uns porque não querem mesmo, outros porque precisam trabalhar pra ajudar em casa, e outros porque na maioria das vezes não tem incentivos dos pais ou do responsável legal.

O principal motivo é a falta de interesse, pois tem uma universidade dentro da cidade e todos poderiam tentar.

Ainda, a *falta de incentivo dos pais, de autoestima, de motivação e perspectiva de vida* representam 19,1% das respostas. Esse dado é relevante para pensar as representações atribuídas a família no processo de escolarização, que envolve questões não só de investimento material, mas também de transmissão de capital cultural e de disposições de ordem moral, por exemplo. Isso indica também a importância da família no processo de produção das aspirações desses estudantes.

Falta de incentivo dos pais, desanimo; e por perceber que às vezes nossa educação é menos privilegiada do que em escolas particulares.

Pelo fato da família muitas vezes colocar pra baixo e dizer que estudar não dá dinheiro, ou seja, melhor trabalhar do que estudar.

Não terem incentivos suficientes, nas escolas e em casa. Eles se consideram inferiores ou menos inteligentes.

Às vezes o problema vem de casa, não ter ninguém incentivando. Em geral, os estudantes das escolas públicas de Seropédica não recebem muita motivação para fazer faculdade.

Trabalho e renda concentram 20,5% de frequência de respostas, e perpassam todos os outros fatores destacados pelos entrevistados. Junto ao fator trabalho aparece a

falta de tempo, representando 2,2%. É importante destacar que a falta de renda aparece relacionada tanto a impossibilidade em custear os estudos (mensalidade e material) como a necessidade em contribuir com para as despesas familiares, como pode ser observado:

Falta de condições financeiras. Muitas vezes o jovem tem que arrumar um emprego para ajudar os pais e com isso acaba perdendo o interesse e não tendo tempo para fazer faculdade.

O maior motivo de muitos não entrar na faculdade e a carga horaria de alguns cursos, pois muitos precisam trabalhar para sobreviver.

Muitas vezes as pessoas não conseguem estudar, pois tem que trabalhar pra ajudar a família, ou cuidar do irmão e dos afazeres domésticos. Não sobra tempo para se preparar para uma prova mais exigente. As vezes a falta de dinheiro para cursinho e a escola não é suficiente no ensino.

Muitas pessoas querem trabalhar quando sair da escola, muitas querem ajudar sua família que é a coisa mais importa no mundo para elas e não se interessa para a faculdade.

Dificuldades em se manter na faculdade (pagar materiais) isso se torna cansativo e gera desistência.

Para 15,2% a *falta de conhecimento e preparo* para realização das avaliações de ingresso junto a precarização das escolas tornam-se outro impeditivo para muitos desses estudantes, como apresentado por alguns:

O ensino em uma escola pública não é o suficiente para este aluno entrar numa faculdade. Se o aluno não tiver interesse e estudar por via dos seus meios, não entra. Por isso muitos não se interessam.

Estudo fraco comparado a outras escolas. Isso faz pensar que somos ineficientes para chegar a ingressar em uma faculdade.

Foram desanimando por não ter um alto padrão de ensino, ou seja, os filhos de papai têm mais conhecimento.

Os vestibulares, tal que o nível de conhecimento das escolas públicas é insuficiente para fazer o Enem.

Falta de estruturas nas escolas, o que não motiva os estudantes a se aplicarem nos estudos e visarem um futuro nas faculdades.

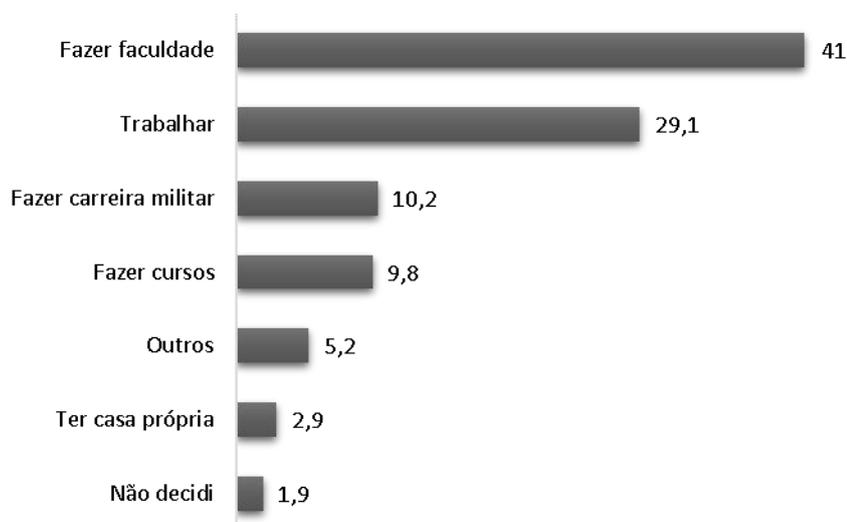
A precariedade do ensino nas escolas de nível médio que não capacita os alunos o suficiente para ingressar numa universidade.

Além dos fatores já mencionados, 3,4% acreditam que *as más influências, drogas e bebidas* implicam diretamente na expectativa dos jovens ingressarem no Ensino Superior. Essa narrativa aponta certo ordenamento moral doméstico que imputam perigo a socializações que desviem o jovem das expectativas produzidas por essa ordem. Em menor concentração, 1,2% acreditam que um dos fatores é a *demora dos cursos* de graduação; junto a isso *falta de garantia de emprego após conclusão da faculdade* (1%); *a dificuldade de deslocamento, o interesse em fazer carreira militar, a gravidez, os filhos, a falta de informação e maturidade, por acreditarem que fazer faculdade não é algo importante para vida, etc.,* soma-se as demais percepções dos entrevistados (3,6%).

Expectativas para depois do Ensino Médio

Diferentes planos e expectativas perpassam o universo dos entrevistados quanto ao que pretendem fazer depois de concluírem o Ensino Médio (Gráfico 27).

Gráfico 27 – Expectativa e desejos entre os estudantes após conclusão do Ensino Médio %



Observa-se que *fazer faculdade* aparece como topo dessas expectativas (41%). Mas, para 68,5% dos entrevistados, assim como para muitos outros de camada popular, a possibilidade de ingressar num curso superior está diretamente relacionada a outros fatores necessários para concretização do objetivo, como observado a seguir:

Pretendo estudar bastante para entrar em uma faculdade boa, mas antes pretendo fazer prova para entrar na polícia militar pra pagar minha faculdade.

Conseguir passar no Enem e logo após ingressar em uma faculdade, de preferência a UFRRJ e conseguir um emprego para ajudar em casa. Mas um emprego que dê para estudar, um emprego que não atrapalhe meus estudos.

Entrar na faculdade pelo turno da noite, trabalhar de manhã e praticar meus esportes; quando abrir prova da polícia federal, vou fazer.

Fazer faculdade e arrumar um bom emprego pra pagar as despesas da mesma durante esse período.

Minha expectativa é fazer um curso para tentar passar no Enem. Caso eu não passe farei curso técnico para arrumar um emprego.

Faculdade, sair de casa, trabalhar, entre essas a faculdade e trabalhar, to gritante, queria ajudar minha família, arrumar nossa casa, e fazer uma faculdade que eu possa viajar ir embora do Brasil e conhecer onde aconteceu outras histórias. Mas, me preocupo muito com minha família aqui, por isso quero desconstruir a ideia de que a faculdade não é coisa para eles. Eu acredito.

Já fiz a prova do Enem, porém não estava preparada o suficiente. Pretendo continuar estudando e tentando. Se futuramente o país me possibilitar um salário digno, quem sabe eu não consiga paga uma, mas continuarei me esforçando.

Passar no Enem, conseguir uma bolsa de medicina e prestar prova para médico da marinha.

Trabalho e estudos são variáveis fortemente correlacionados nas respostas dos estudantes, seguindo a premissa “*trabalhar para pagar minha faculdade*”. Ingressar no mercado de trabalho é a segunda mais frequente resposta entre os entrevistados (21,9%), quanto ao que fazer após a conclusão do Ensino Médio. O trabalho como a via para continuidade dos estudos.

Próximo ano pretendo trabalhar, fazer alguns cursos e daqui uns dois ou três anos, pretendo fazer faculdade e ter uma carreira de sucesso.

Quero terminar o Ensino Médio para começar a trabalhar. Tenho o sonho de entrar para uma faculdade e fazer aquilo que gosto. Nem tudo é impossível na vida, mas muitas vezes não sei como a gente deseja.

Pretendo trabalhar e se não conseguir, ingressar em alguma faculdade.

Conseguir um emprego para poder ter uma casa própria, depois começar estudar para o Enem e cursar a faculdade. Ter uma vida financeira e amorosa estável para cumprir mais planos.

Conseguir trabalho pra pagar a faculdade;

Trabalhar na oficina do meu pai e depois ser caminhoneiro e ter a própria frota.

Começar a trabalhar e entrar pra Rural.

A realização de cursos de formação técnico profissionalizante, buscando qualificação para o ingresso no mercado de trabalho, também surge como opção para 9,8% dos estudantes. É importante lembrar que 66,5% dos entrevistados disseram realizar cursos desse caráter (como visto na Tabela 6).

Pretendo concluir o curso técnico e conseguir um emprego.

Concluir o curso técnico e entrar na faculdade

Eu quero me formar em técnico em radiologia, mas quero primeiro trabalhar. Ainda não tenho certeza do que eu quero, mas tenho alguma ideia.

Pretendo fazer curso, currículo e procurar empresas e mandar os documentos escolares. Devemos correr atrás dos nossos sonhos porque a realidade está lá fora. Acredito que somos capazes de fazer o possível e impossível acredite e vá em frente.

A carreira militar é outra opção presente para 10,2% dos entrevistados. Para alguns deles, essa seria uma via de possibilidades de ingresso no Ensino Superior, tendo vista o retorno financeiro a partir da formação, possibilitando o custeio do curso desejado.

Fazer carreira militar e lá poder pagar uma faculdade;

Ingressar na área militar é mais fácil de conseguir entrar na faculdade

Fazer um curso preparatório para sargento da marinha. Se não der certo eu pretendo fazer outros cursos como o curso para bombeiro no último caso seria a faculdade, se eu fosse fazer seria a educação física

Fazer prova pra concurso militar e ingressar na marinha e a longo prazo, fazer faculdade de contabilidade. Mas na percepção da minha atual situação financeira, deverei continuar no mercado de trabalho exercendo minhas funções atuais.

Há ainda os que projetam a obtenção de bens materiais, como a casa própria (2,9%), sem mencionarem como atingiriam tal objetivo; e os que ainda não decidiram e não possuem expectativas quanto ao que vão fazer (1,9%), e outros (5,2%).

Tem algumas expectativas, mas descobri que estou grávida então atrapalhou um pouco meus planos, mas irei realiza-los assim que puder.

Produzir curtas metragens; tentar vagas em festivais;

Abrir uma academia de Jiu-Jitsu

Em perspectiva geral, a expectativa em ingressar no Ensino Superior (público e/ou privado) apresenta-se como elevada; assim como o interesse em *entrar* para a Rural. Porém, na avaliação referente aos conhecimentos acumulados ao longo do Ensino Médio, há um distanciamento entre as exigências apresentadas pelos mecanismos de avaliação e os conhecimentos adquiridos. O ingresso na *faculdade* aparece nas expectativas imediatas, mas também nas de futuro, tendo em vista a falta de condições materiais. Esses dois momentos refletem o distanciamento entre as expectativas e os campos de possibilidades.

CAPÍTULO 3 - RODRIGO E ISABELA: OS CASOS DE SUCESSO DE TRAJETÓRIAS ESCOLARES ENTRE EGRESSOS DA REDE ESTADUAL EM SEROPÉDICA

Os estudos sobre o sucesso escolar entre estudantes das camadas populares no Brasil se consolidou enquanto objeto de pesquisa no campo da sociologia da educação fortemente influenciado pela obra de Bernard Lahire (1997) *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. Neste estudo o autor analisou as trajetórias de sucesso escolar entre crianças de camadas populares que cursavam o primeiro ciclo da educação básica em Lyon, França. A influência da obra Lahire no Brasil vai aparecer nos trabalhos de Zago (2006), Viana (1998), D’Avila (1998) e Silva (2003) em pesquisa que tiveram como enfoque a reconstrução dos itinerários escolares e a história de vida entre estudantes de camadas populares, tendo como objetivo revelar fatores fundamentais que permitam a compreensão da continuidade dos estudos até o ingresso no Ensino Superior.

Este capítulo tem como objetivo descrever e analisar as trajetórias escolares de estudantes de classe popular, buscando compreender a relação entre as experiências vivenciadas a partir das redes de sociabilidades criadas em torno da escola e os reflexos dessas relações para a construção das expectativas e possibilidades em *fazer faculdade*. Para isso, foram reconstituídas as trajetórias pessoais e escolares de dois egressos da rede pública estadual de Seropédica que ingressaram no Ensino Superior, na UFRRJ.

Os entrevistados, Rodrigo e Isabela, jovens provenientes de camada popular, negros, oriundos da Baixada Fluminense, apresentam-se como os primeiros de suas famílias a ingressarem na universidade. Rodrigo foi aprovado no Sisu após realização do Enem 2017, ano em que foi aprovado no curso de Engenharia de Agrimensura. Já Isabela obteve sua aprovação em 2016, com ingresso para o curso de Letras (Português-Inglês-Literatura). Ambos se enquadram no perfil de estudantes em maiores condições de desprivilegio material e cultural quando se comparados a outros mapeados ao longo do processo investigativo. Dessa forma, iremos apresentar o perfil socioeconômico e a descrição de suas trajetórias, assim como resgatar as expectativas que os mesmos possuíam em *fazer faculdade*, quando ainda eram estudantes do Ensino Médio, bem como a vivência atual como universitários.

3.1. Rodrigo: “Estudar é a única coisa boa que eu sabia fazer.”

Rodrigo está cursando o 6º período de Engenharia de Agrimensura na UFRRJ. O jovem tem 21 anos, solteiro, autodeclarado negro, nascido no município de Seropédica e

de pertencimento religioso evangélico. Sua mãe é doméstica, sem vínculo empregatício formal. Seu pai trabalha com serviços gerais, que de acordo com a descrição de Rodrigo, enquadra-se como trabalho informal, o chamado “faz tudo”. O pai já trabalhou de carteira assinada, mas sua mãe nunca teve vínculo formal. Ambos estudaram até o primeiro segmento do Ensino Fundamental, mas não completaram. Possuem leitura e escrita de nível instrumental, e não possuem grandes conhecimentos sobre o sistema escolar. Seus pais tiveram cinco filhos, e se separaram quando Rodrigo tinha 14 anos.

Rodrigo iniciou os estudos na Escola Municipal Promotor de Justiça Dr. André Luiz M. M. Peres, localizada no bairro Fazenda Caxias, em Seropédica. Nessa unidade educacional ele cursou do 1º ao 8º ano, quando foi transferido para o C.E. Alvarina de Carvalho Janotti, situado no mesmo bairro que a escola anterior. De acordo com jovem, sua relação com a primeira escola foi marcada por seu *destaque* como *bom aluno*, tanto na participação quanto no bom comportamento e boas notas, mantendo uma *boa relação com os professores até hoje*. O bom desempenho também lhe trouxe certo destaque na relação com os colegas de turma, tendo em vista sua facilidade nas atividades nas aulas e a disponibilidade em ajudar os colegas quando lhe era solicitado. Essa *ajuda* repercutia no tratamento que os colegas de turma lhe davam, onde o mesmo diz sempre ter sido *bem tratado*. De acordo com Lahire (1997) a ausência de capital cultural legítimo em famílias de camadas populares é revertida na valorização do “bom comportamento” e no reconhecimento e respeito à autoridade do professor.

Rodrigo: Eu era bastante destacado do pessoal da turma, bastante participativo. Eu sempre era visto como um aluno exemplar em questão de nota e comportamento também. Nada muito além disso. Eu era tratado muito bem pelos colegas, porque assim, o pessoal sabia que eu era bastante inteligente. Então, podia contar comigo pra fazer certos trabalhos. Então, eu sempre fui bem tratado pelo pessoal.

Desde muito cedo, Rodrigo afirma ter tido certa facilidade para o ensino de Matemática, disciplina que junto a Geografia e Artes são as que ele *mais gostava de estudar* no Ensino Fundamental. O gosto pela ciência exata é explicado por ele como sendo influência da relação com o pai e sua facilidade em realizar contas. Rodrigo diz que, seu pai, sempre que era possível *ensinava bastante coisa, quando tinha oportunidade*. Lahire (1997) afirma que a criança capitaliza estruturas textuais quando aprende a partir de relações afetivas com seus pais e esse conhecimento poderá ser reintegrado no desempenho de sua escrita e leitura. Nessa perspectiva, aprender matemática a partir de sua prática com *contas*, constitui parte dos instrumentos cotidianos através dos quais relações de afeto e carinho são estabelecidas entre eles. Isso significa que *contas* e afeto são coisas que estão associadas.

Durante o primeiro ciclo de formação, a participação dos pais na vida escolar se dava no acompanhamento de seu desempenho, no cumprimento de atividades escolares e na rotina de estudos do jovem e de seus irmãos, o que repercutia em certa ordem moral doméstica que se estende num controle externo, ou seja, na escola. Porém, ele afirma que a separação de seus pais refletiu diretamente na mudança dessa relação. Segundo Rodrigo, o divórcio contribuiu, em certa medida, para que seus irmãos tenham abandonado os estudos, tendo em vista que as cobranças e o acompanhamento já não existiam mais. No entanto, avalia que sua permanência na escola teria se dado por conta de seu jeito e personalidade introvertida, por ser uma pessoa tímida e reservada, estudar é a única coisa que afirmava *saber fazer de bom*. Rodrigo recebeu grande incentivo dos professores durante o primeiro segmento, constituindo uma progressão escolar linear no que tange a ausência de recuperações, reprovações ou abandono.

Entrevistadora: Seus pais costumavam a participar das coisas da escola, digo, de reuniões...?

Rodrigo: Sim, muito. Principalmente minha mãe, meu pai menos porque ele trabalhava bastante. Mas se precisasse ele ia também.

Entrevista: E com seus irmãos?

Rodrigo: Também, né?! Mas isso só veio de acontecer deles (os irmãos) saírem mais depois que eles (os pais) se separaram. E acabaram não dando tanta importância assim, de cobrar.

Entrevistadora: Quem foi o primeiro a parar de estudar na sua casa?

Rodrigo: O primeiro, meu irmão e depois minhas irmãs.

Entrevistadora: E o que você acha que te influenciou a continuar estudando?

Rodrigo: Porque assim, eu acho que, relativamente, eu sempre fui uma pessoa muito reservada, quieta, tímida. Então era a única coisa que eu via que eu sabia fazer de bom era estudar. Eu não me via fazendo outra coisa.

Entrevistadora: E os professores do Ensino Fundamental, te incentivavam?

Rodrigo: Incentivava bastante.

A mudança do Ensino Fundamental para o Ensino Médio foi marcada por certa dificuldade com as novas disciplinas, como Física e Química. Mas, para o jovem, Português ganhava o destaque de ser a mais difícil, pois *tem que decorar muita coisa, muito detalhe da linguística*, e afirma ter dificuldades até hoje. No Ensino Médio, Rodrigo mantinha sua rotina de estudos e atribui-se o título de *esforçado e empenhado*. Disciplinava-se nos estudos mantendo uma prática quase diária, destinando determinado

tempo para isso. Esse se tornou um ponto de distinção entre ele e seus irmãos, e afirma que os mesmos *nunca interferiram e nem quiseram se interessar pelos estudos*.

As experiências pessoais com os outros estudantes da turma foram marcadas por *situações desagradáveis*, o que ele irá revelar mais adiante como tendo sido discriminação racial. De acordo com a percepção de Rodrigo, os colegas de classe atribuíam maior importância a questões *não tão voltadas a escola, mais a vida pessoal deles mesmos*. *Não eram muitos voltados a estudar, mas quando isso era exigido a eles, eles corriam atrás. Um pouco tarde, mas corriam atrás*. Sobre a relação com os professores, sua avaliação é positiva, onde destaca o frequente apoio e incentivo recebido.

Entrevistadora: Como era sua relação com os estudos no Ensino Médio?

Rodrigo: Eu continuava bastante empenhado, esforçado em estudar as matérias, mesmo. Sempre que possível eu tirava um tempo reservado pra poder estudar. Na parte da tarde, uns dias bem alternativos, escalados sim ou não. Também bastante final de semana.

Entrevistadora: Sua mãe te cobrava de estudar?

Rodrigo: Não.

Entrevistadora: E no Ensino Médio, como era sua relação com os professores e com os colegas de turma?

Rodrigo: Bem, com os professores é uma relação que eu guardo até hoje com bastante carinho. Cada um deles que eu conheci me incentivou bastante, me deram bastante apoio.

Entrevistadora: E os colegas da turma?

Rodrigo: Bem parecido também, porque tenho amizades até hoje. Mas diferente dos professores algumas deram bastantes problemas, tive bastantes situações desagradáveis com colegas de classe, principalmente no último ano mesmo.

Rodrigo diz que a ideia de *fazer faculdade* surgiu durante o Ensino Médio, na transição do 2º para o 3º ano, quando passou a ter contato mais direto com a professora de Sociologia. Segundo o jovem, os temas debatidos nas aulas, relacionados a questões do cotidiano, lhe proporcionaram diferentes reflexões e questionamentos, o que incluía a presença da Universidade Rural em Seropédica e o acesso de pessoas do próprio município à mesma. O jovem destaca a proximidade física da Universidade e as possibilidades de circulação dos estudantes no *campus*, mas problematiza a distância social entre esses dois espaços. Para Rodrigo, os interesses dos colegas de turma estavam voltados apenas para a conclusão do Ensino Médio pois tinham como objetivo *se livrar logo de estudar, não eram muito o tipo interessado em fazer faculdade*.

Rodrigo concluiu o Ensino Médio com 17 anos, mantendo uma progressão linear durante toda sua trajetória no ciclo básico.

Rodrigo: É... Sempre achei interessante, porque a gente tem uma faculdade dentro do município, né?! Isso não é algo que acontece em todo lugar. E é uma universidade bastante acessível, no sentido de que a gente poderia ir lá, a gente pode ir lá vê como funciona. É um campus bem aberto.

Entrevistadora: No sentido de você poder transitar no espaço dela que você está falando?

Rodrigo: Sim. Com isso já tinha me despertado o interesse de fazer uma faculdade mesmo. Porque eu acho que eu também não me via fazendo outra coisa depois que eu terminasse o Ensino Médio, tipo: trabalhando ou algo do tipo assim. Eu acho que eu ia querer continuar estudar, de alguma forma.

Entrevistadora: Você se via dentro da universidade? Ou achava que era uma coisa distante?

Rodrigo: Achava bastante distante. Naquele primeiro momento ali ficava pensando em como eu ia poder fazer aquilo, de poder entrar na faculdade, né?!

Em meados de 2015, ano de conclusão de seu Ensino Médio, Rodrigo ingressou no curso preparatório para realização do Enem, ofertado pela Universidade Rural. Ele pretendia concorrer a uma vaga para o curso de Engenharia de Agrimensura na Rural, escolha feita sob influência do inspetor escolar que também havia estudado na UFRRJ. Por sugestão de sua professora de Sociologia³⁹, como alternativa a possibilidade de não aprovação no Enem, Rodrigo também participou do processo seletivo para ingresso no Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR) para o curso pós-médio da mesma área, Técnico em Agrimensura. Ambos os processos foram para o ingresso no ano de 2016. No entanto, Rodrigo não conseguiu obter pontuação para ingressar na Rural, sendo aprovado apenas para o CTUR.

Rodrigo: Então, no final do 3º ano que tava rolando um programa da universidade, que seria o pré-vestibular, o pré Enem. Cheguei a fazer também, consegui lá um pouco de ajuda, mas acabei não conseguindo passar nesse ano, que seria o ano seguinte pra poder ficar na faculdade já, pra entrar. Ai eu não tive muito sucesso né?! Mas, você (professora de Sociologia) tinha me indicado fazer um curso técnico lá no CTUR mesmo, que era voltado pra área. Foi o que eu fiz, ai acabei fazendo o curso técnico. Fiz a prova, entrei no ano seguinte, 2016 e fiquei lá um ano e meio.

Entrevistadora: Você falou que fez o preparatório, o pré-Enem, mas fez pouco tempo. E aí, você acha que deu uma ajuda... Ou não deu?

Rodrigo: Ajuda bastante, porque complementa o que eu vi no Ensino Médio. E também eu acho que não teria muito que cobrar mais da

³⁹ Eu fui à professora de Sociologia do Rodrigo da Isabela. Ambos se referem a nossas conversas, além de citarem outros professores que tiveram influência em suas escolhas.

parte deles, porque eles eram alunos né? Então, eu acredito que eles estavam dando o melhor deles também.

Apesar de seu *empenho e destaque* durante todo ciclo básico, Rodrigo afirma que os conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória escolar não eram suficientes para aprovação no Enem, tendo em vista o grau de exigência da avaliação. Em contrapartida, afirma que não houve dificuldades quanto ao processo seletivo para ingresso no curso técnico, avaliando o exame como possuindo nível de exigência menor do que acredita que deveria ser cobrado aos candidatos.

Entrevistadora: Como você avalia sua atuação no primeiro Enem? O que você achou em relação ao que você acumulou de conhecimento e aquela avaliação ali?

Rodrigo: Parece que eu não tinha visto nada. Porque foi uma prova bastante cansativa nos assuntos, porque eu via aquilo e achava que não tinha aprendido aquilo. Porque era muita coisa cobrada... Poderia ter sido ensinado, mas eu acho que não tinha essa percepção de buscar esse raciocínio... eu acho que foi muita coisa que foi cobrada, que realmente não tenha lembrado de ter visto, tido base suficiente pra poder fazer a prova.

Entrevistadora: Nessa sua primeira avaliação do Enem, você acha que a base que você teve, ela não foi suficiente por deficiência da escola, dos professores, sua?

Rodrigo: Acho que foi um pouco de cada mesmo. Da minha parte por não ter buscado mais, também me aprofundado como deveria. Também um pouco dos professores. Assim da escola de um modo geral, não só dos professores.

Entrevistadora: Pra você, a escola da base para as pessoas entrarem?

Rodrigo: Hoje, cada vez mais eu to percebendo que não, porque é bastante difícil mesmo.

Entrevistadora: Quando você fez a prova para o técnico, o que você achou da prova?

Rodrigo: É, já era mais oposto do que foi no Enem. Achei uma prova muito tranquila. Até mais fácil mesmo do que deveria ser cobrado, eu acho. E eu não tive dificuldade pra poder passar não.

No curso técnico, Rodrigo manteve o *bom desempenho* e afirma que o mesmo lhe deu base para *refazer* o Enem no final de 2016, *ajudando-o bastante* em sua aprovação no curso de Engenharia de Agrimensura na Universidade Rural. O jovem foi aprovado na chamada regular para o primeiro semestre de 2017, onde ingressou pela política de cotas. Rodrigo diz que o ingresso no CTUR *mudou bastante* seu olhar sobre a universidade. É como aluno do curso técnico que ele inicia a circulação no campus da Rural, não mais apenas como espaço físico observado, mas também enquanto espaço social. A incorporação da dinâmica da vida acadêmica é forjada nas experiências vivenciadas entre esses dois espaços sociais, a partir das redes de sociabilidade

produzidas nos estágios realizados sob a indicação e orientação de professores da UFRRJ, assim como as aulas ministradas pelos mesmos ou por seus orientandos de pós-graduação; e ainda, no uso do restaurante universitário. Esses fatores, entre outros, integram as disposições incorporadas que o fazem ressignificar não apenas as expectativas sobre o possível ingresso no Ensino Superior, mas o próprio espaço da universidade, permitindo-lhe sentir *mais liberdade* em estar lá. Segundo Rodrigo, apesar da proximidade física, há um distanciamento simbólico que mantém distante os estudantes das escolas, tanto no que diz respeito à circulação no campus, quanto a produção de expectativas e possibilidades de ingresso, *como se fosse um outro universo*. Para o jovem, *a universidade quase não tem nenhuma cerca ou muro, mas é como se tivesse um muro ali, prendendo*.

Entrevistadora: Você entrou num curso técnico que é do colégio da Universidade Rural. E aí, e o seu olhar pra universidade, isso mudou?

Rodrigo: Mudou bastante sim, porque quando a gente tá no curso técnico a gente já faz parte da universidade, mesmo de forma indireta. Então a gente já tinha um pouco mais de liberdade pra poder andar no campus, de conhecer os lugares, os institutos, as pessoas que trabalham lá e tal.

Entrevistadora: Você teve aula com professores da Rural. Como foi essa relação?

Rodrigo: Foi uma relação bastante interessante, porque o nível é um pouco diferente de como eles ensinam e cobram né?! Então eles já esperam mais do aluno do que se fosse um professor do Ensino Médio.

Entrevistadora: Você falou que quando entrou no CTUR se sentiu mais livre pra andar e conhecer os lugares da Rural. Pensando um pouco na época que você estava do Ensino Médio, você cogitava a possibilidade de andar igual?

Rodrigo: Não. Porque os alunos, no caso, não vão ter essa ideia de ter um tempo qualquer, um tempo livre fora da escola, de poder ir lá (Rural). Às vezes quando tinha alguma ida, algum passeio, mas era bem difícil de ter até pra própria universidade.

Entrevistadora: A partir da sua experiência, isso pode ser um ponto que influencia as pessoas a quererem ou não fazer a universidade?

Rodrigo: Com certeza! Porque, antes, assim... eu não tinha essa ideia, mas eu observava que tinha gente que achava que aquilo ali não era pra ela. A proximidade, mas não se imaginava ou não achava que aquela universidade ali era pra essa pessoa, pra ela mesma.

Mais uma vez o seu *esforço e aplicação* pessoal são considerados o que garante seu *destaque*, abrindo possibilidades que o mesmo já destacava em sua experiência no ciclo básico escolar, tanto no Ensino Fundamental como no Médio.

Entrevistadora: Como é que você conseguiu os estágios?

Rodrigo: Por indicação mesmo dos professores. Por eu ser um aluno bastante aplicado e esforçado, eles viam isso. Então, sempre que tinha uma oportunidade de estágio eles se lembravam de mim pra fazer alguma coisa, assim, ajudar em algum projeto.

Ao perguntar sobre sua experiência na Rural e como ele se sentia com relação à integração, essa possibilidade tornou-se possível mediante a pluralidade do perfil de estudantes da Rural.

Entrevistadora: Hoje você tá dentro da Rural, você se sente integrado?

Rodrigo: Senti. Porque é bastante gente. Bastante gente assim que eu digo é bastante característica. Então você acaba achando uma turma, pessoas com quem você pode andar, conversar, dialogar. Ter ideias parecidas então.

Entrevistadora: E como foi pra sua família vê você ingressando na universidade?

Rodrigo: Eles não são muitos de se expressar em relação a isso, mas eles ficaram muito contentes, felizes. Só me parabenizaram mesmo, foi basicamente isso. Acho que pra gente, da nossa classe, pra gente é um salto bem grande, néh?! Você tá no ensino público, assim, na escola mesmo, por aqui e de repente você tá na universidade. Eu acho que eles não têm essa dimensão, dessa diferença, desse salto que é.

3.2. Isabela: “*Era bom tá naquele grupo porque parece que chama você pra estudar mais*”

Isabela tem 22 anos, jovem *negra*, nasceu em Santa Cruz, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Ainda com poucos meses de vida foi morar com sua tia materna em Belford Roxo devido à falta de condição financeira de sua mãe, pois a mesma já cuidava de seu irmão mais velho de um ano. Aos sete anos mudou-se para Seropédica para estudar, período que retornou a morar com sua mãe e irmãos. Oriunda de uma família pertencente à camada popular, sua mãe teve seis filhos, sendo ela a quarta filha. Seus três irmãos mais novos são provenientes do relacionamento de sua mãe com seu padrasto. A jovem define o período que sua mãe foi casada com o mesmo como *muito ruim*, marcado pela violência doméstica. Ainda, afirma que nunca possuiu relação com o pai biológico, personagem que diz ter visto apenas uma vez. Sua família é *bem pobre*, composta por pessoas *que não tiveram muito estudo*. O grau de escolaridade de sua mãe é a sexta série incompleta (7º ano). Já seus irmãos integram o perfil nacional no que corresponde a distorção série idade, onde sua irmã (17 anos) encontra-se no 1º ano do Ensino Médio e seu irmão (20 anos) no 9º ano do Ensino Fundamental, na modalidade de ensino EJA⁴⁰, *atrasado porque reprovou*. Ainda, sua

⁴⁰ EJA – Educação de Jovens e Adultos

outra irmã (19 anos) ficou grávida e teve de interromper os estudos para cuidar da filha. Para além de sua família, a jovem diz que os demais parentes também possuem baixo grau de escolaridade. Ela é a primeira a ingressar no Ensino Superior.

A mãe de Isabela está desempregada, mas trabalhava como empregada doméstica *lá pra baixo, na Barra da Tijuca e outros lugares*. Seu único emprego formal foi como auxiliar de cozinha em uma escola municipal em Seropédica, mas por um curto período. De acordo com a jovem, o trabalho junto ao fato de ter tido muitos filhos foram fatores que refletiam diretamente no acompanhamento da formação educacional dos filhos, principalmente no que diz respeito da vida escolar.

Isabela: Assim, como tenho muitos irmãos, ne?! A casa sempre cheia, então... minha mãe trabalhava lá pra baixo, já trabalhou na Barra e outros lugares também. Daí não era muito presente na minha vida, nem na vida escolar. Eu lembro que pequenininha, primeira, segunda série, ela ainda tinha a preocupação de olhar o caderno, ver exercício...depois disso, nunca mais.

Atualmente a renda familiar de Isabela é proveniente do *Programa Bolsa Família*⁴¹ e de seu trabalho como manicure, ocupação que já exercia durante o Ensino Médio. Entre seus irmãos, nenhum desempenha qualquer atividade remunerada. A jovem afirma que nunca houve cobranças de sua mãe para que trabalhassem, mas que a decisão em contribuir na renda familiar partiu da mesma ao observar a realidade da família. Porém, destaca que o trabalho tem refletido de forma negativa em seus estudos, e que gostaria de poder apenas estudar, mas que não há condições favoráveis para que isso ocorra. A entrevistada demonstra certa indignação quanto ao fato de somente ela, entre os demais irmãos que residem na casa, apresentar certa preocupação quanto ao sustento familiar.

Isabela: Eu acho que foi uma coisa que partiu mais de mim pra ajudar. Porque, aí, chega irritar, tem horas. Você vê pessoas dentro da sua casa que não querem ajudar. Aí você se vê sozinha. Lá em casa, tecnicamente, não tinha necessidade de ficar tão preocupada em trabalhar pra ajudar em casa, sendo que tem meus outros irmãos. Ah, adolescente tem que estudar, não pode largar o estudo pra trabalhar. Mas assim, a realidade que a gente tem hoje, você é forçado a fazer isso. Eu vou ser muito sincera, se eu pudesse não trabalhar eu não trabalharia pra me dedicar mais aos estudos. Só que pra mim não é viável isso. Mas a minha mãe com relação a isso nunca falou “ah, você tem que trabalhar pra ajudar”, não. É uma coisa que partiu de mim mesma. Eu acho que hoje em dia ela cobra mais até do que antes, de ajudar. Como eu te falei, ela tá desempregada e ninguém trabalha. A nossa renda é basicamente bolsa família, eu ajudo e só.

⁴¹ Criado em 2003, o Programa Bolsa Família é um programa federal de transferência direta e indireta de renda que integra benefícios de assistência social, saúde, educação e emprego, destinado às famílias em situação de pobreza. In: <https://bfa.saude.gov.br/>

Durante todo Ensino Médio Isabela trabalhou *em várias coisas*. A mesma exerceu ocupações como cuidadora de criança; *trabalhei em sacolão*; e como manicure em salão, o que ela considera ser sua profissão. Já no início da graduação, a jovem trabalhava no McDonald's no município de Itaguaí. Porém, teve muita dificuldade em conciliar os estudos com o trabalho e pediu demissão do emprego. Ela afirma que as experiências de trabalho sempre a fizeram refletir sobre sua condição social e econômica, o que repercutia diretamente na projeção de expectativas em relação aos estudos como via que possibilitasse certa mobilidade social.

Isabela: Ah, não quero me limitar a isso. A trabalhar em salão, a trabalhar em sacolão, a cuidar de criança. Eu queria ir além, uma formação acadêmica. Essa vontade de ir além do que eles (familiares) foram surgindo muito disso, de querer mudar o quadro da minha família. De querer ir além deles, de não querer continuar vivendo a vida que a gente leva em questão de querer melhorar socialmente. Porque é fato que se a gente não estudar, pelo menos é o que a gente ouve, com estudo tá tão difícil, sem estudo tá mais difícil ainda.

Isabela cursou o Ensino Fundamental na Escola Municipal Pastor Gerson, no bairro Boa Esperança, em Seropédica. A jovem afirma que *gostou muito* dessa escola e que é sua *paixão lembrar de lá*. Já na 5ª série, foi indagada por suas professoras de História e Língua Portuguesa quanto ao que ela gostaria de *fazer de faculdade*. A entrevistada diz que o grande incentivo e apoio para o ingresso no Ensino Superior veio, inicialmente, delas. Mas, com a adolescência, ingressar na faculdade já não aparecia nas suas expectativas de futuro, *parece que a gente esquece, né. Não pensava sobre*.

No entanto, ao longo do Ensino Médio, retoma a ideia de *fazer faculdade*, cogitando a possibilidade de ingresso na UFRRJ. Porém, com baixo capital informacional sobre a ordem que rege os processos de ingresso e sem saber qual curso fazer, faz com que Isabela resgate o contato com as professoras de Português e História do Ensino Fundamental. Ela destaca o papel fundamental que a professora de História teve no seu processo para ingresso na Rural, atuando diretamente na orientação dos procedimentos de inscrição no Enem e Sisu, na relação com os prazos e documentos necessários para realização da matrícula. Processo este que muitos estudantes afirmaram desconhecer.

Já influência da professora de Português refletiu também na escolha do curso de graduação, *me apaixonei pela matéria, porque conheci pessoas que me apoiaram bastante, me incentivaram a continuar*. Essa relação vai ser reforçada por outra professora da mesma disciplina durante o Ensino Médio. Nessa etapa final do ciclo básico, a jovem contou com incentivo e apoio de outros professores. Entre esses,

destaca as oficinas de leitura e produção textual⁴², ação proporcionada pela professora de Sociologia em conjunto com uma estudante do curso de Ciências Sociais da UFRRJ, que visava auxiliar e incentivar estudantes do 3º ano a se prepararem para realização do Enem.

Isabela: Comecei a cogitar a ideia de fazer faculdade, e aqui. Eu vi também que muitas pessoas não dão valor à universidade que a gente tem na nossa cidade. Muitas pessoas vão pra outros lugares estudar. Eu falei: “Poxa, é praticamente dentro de casa, neh? Eu quero fazer aqui.” Aí fiquei na dúvida sobre o que fazer. Não tinha muita noção. Aí eu mantive contato com essa professora de Língua Portuguesa. Então ela começou a falar assim: “Oh, você já tá no Ensino Médio, chegando no 3º ano, você já tá pensando em fazer o Enem?” Aí eu também retomei o contato com minha professora de História, da 5ª série, de lá do Pastor Gerson. Aí ela começou a falar que ia me ajudar com os prazos de inscrição no Sisu, e tudo mais...e os professores daqui. Você, professora que me ajudou. E eu lembro que o divisor de águas foi...eu não lembro o nome da moça, que fazia com você (professora de Sociologia). Vocês (professora de Sociologia e estagiária do curso de Ciências Sociais da UFRRJ) fizeram oficinas pra gente estudar pro Enem. Aí eu comecei a me interessar mais, a estudar pra fazer a prova. Aí cheguei a fazer uma vez e não passei. E a segunda prova que eu pude fazer, eu passei. Entrei em 2016.2 na Rural. Assim, não é porque é você que tá fazendo entrevista, mas no Ensino Médio você (professora de Sociologia) foi uma grande incentivadora também. Sei lá, aquilo de os professores no Ensino Fundamental terem falado sobre e aquilo meio que ter morrido dentro de mim. E no Ensino Médio ter sido retomado dessa forma. Você (professora de Sociologia) me incentivou bastante. E a professora de Língua Portuguesa também, como era uma coisa que eu pensava em fazer. Eu acho que surgiu uma conversa sobre a área, “eu gosto muito quero fazer”. E é claro, a professora por ser da área, ela dizia: “Ah, faz, é muito legal (risos)”.

Outro fator que a jovem diz ter corroborado para maior dedicação aos estudos refere-se às redes de amizades constituídas na escola Pastor Gerson. De acordo com a entrevistada, o grupo de amigas, que ela caracteriza como sendo *muito estudiosas e mais inteligentes*, exercia grande influência quanto à disposição empenhada aos estudos, pois *era bom tá naquele grupo porque parece que chama você pra estudar mais. Você vê que as pessoas são assim então você fala com elas: vou estudar mais também. Ao concluírem o Ensino Fundamental, Isabela e suas amigas ingressaram em uma escola*

⁴² As oficinas de leitura e produção textual, realizadas durante o ano de 2015, foi uma iniciativa realizada pela professora de Sociologia junto a estudante do curso de Ciências Sociais da UFRRJ (também jornalista e mestra em educação) que durante o período realizava o estágio curricular no cumprimento de suas atividades acadêmicas. A proposta tinha como objetivo incentivar a prática da leitura entre os estudantes. Principalmente entre os que naquele ano iriam realizar o Exame Nacional do Ensino Médio. O foco das oficinas tinha como base a literatura brasileira, pouco conhecida e lida por eles. Os encontros eram semanais e realizados no espaço da escola no contra turno. O estudante tinha como tarefa semanal a leitura da obra escolhida e a produção de um texto sobre a mesma. Nos encontros, eles deviam apresentar para todos o que concluíram a respeito da obra, e posteriormente era realizada uma análise com base na Sociologia a fim de trabalhar a crítica sobre os temas apresentados. Ao longo do ano letivo, os participantes leram em média 4 livros por mês. Ainda, somavam-se as atividades das oficinas, aulas de espanhol, como alternativa de língua estrangeira para realização do Enem; e jogos de xadrez.

estadual em Paracambi, pois a avaliavam como sendo de melhor qualidade para formação.

No entanto, devido à grande dificuldade no acesso à escola –, pois disse residir muito distante do ponto de ônibus, tendo que acordar muito cedo e caminhar em torno de 30 minutos até o ponto – a jovem solicitou transferência para Seropédica onde cursou todo o Ensino Médio. Quando indagada sobre os motivos de ter se matriculado numa escola em outro município, a jovem respondeu que todo seu grupo de amigas *estudiosas* também teria ido para a mesma, pois era uma *escola muito boa* e afirma ter arrependimentos em ter desistido da escola de Paracambi. Entre o grupo de amigas, duas permaneceram estudando naquela escola, uma solicitou transferência para a mesma escola que Isabela; e outra passou para o IFRJ, também em Paracambi. Isabela informou que a responsável por sua matrícula no Ensino Médio foi uma de suas amigas, pois ela não possuía computador e nem acesso à internet, situação de sua condição até o momento. Indaguei Isabela a respeito de como fazia para superar as limitações matérias e a mesma afirmou ter sempre recorrido às redes de amizade e contatos, principalmente no período em que se preparava para realização do Enem.

Isabela: Eu não tinha acesso à internet. Não tenho até hoje. Não tenho computador em casa. Então pra mim sempre foi uma coisa complicada também. Questão de fazer trabalho, tinha que ir na lan house, depender de amiga minha. Aí é a questão que eu te falei, colar com alguém que podia me ajudar de alguma forma, não por simples questão de interesse, mas de necessidade. Eu sempre fui cercada de gente que me impulsionava, como eu já disse. E de pessoas que tinham recursos também. Tem a avó da minha amiga que foi comigo pro Cepra. Hoje em dia eu chamo ela de vó, a gente tem uma relação muito boa. Ela também foi uma influenciadora em questão dela ter internet em casa, ter computador. Então, eu podia usar o computador, eu ia pra estudar. Assim, de outras pessoas, de ex-professora minha, de mandar algum material pra estudar, alguma coisa. Sempre assim, foi uma influência boa que eu tive.

A entrevistada afirma que seu sonho era poder estudar numa escola particular e que cresceu querendo isso, pois, segundo ela, tinha noção que *o ensino é melhor*. Mas sua vontade era alimentada pelas comparações entre ambas às escolas, realizada por seus professores que também lecionavam em instituições particulares. Mas, a falta de recursos financeiros sempre foi um impeditivo para essa escolha.

Isabela: Hoje em dia, eu olho pra trás e falo: “ah, se eu tivesse condições de estudar numa escola particular”. Sempre foi meu sonho. Eu lembro que na época eu via pessoas que estudavam e ficava querendo. Porque eu tinha noção, não a partir da minha casa porque uma mãe que não tem condições não vai virar e falar pra uma filha “ah minha filha, eu queria que você estudasse numa escola particular”. Ela não vai cogitar nem a ideia de falar pra ela que gostaria. Mas

como muitos professores davam aula tanto na particular quanto na pública, querendo ou não acaba fazendo essa comparação. Eu tinha muito essa questão de pensar: “ah, será que é muito diferente?”. Então eu cresci com isso. Queria ter estudado porque sei que é melhor, o ensino é melhor. Eu tinha notas boas, graças a Deus. Olhando até meu boletim, depois que eu peguei pra ir pra Rural. Eu não lembrava como eu era tão boa aluna.

Ao iniciar o Ensino Médio no Ciep, em Seropédica, Isabela diz ter sido o lugar que mais ouviu falar que *o aluno não quer nada com nada, muito mais que todos os anos no Pastor Gerson*. Porém, a jovem discorda dessas narrativas e menciona exemplos de colegas de turma do terceiro ano que ingressaram na UFRRJ, a fim de contrapor as afirmativas ouvidas ao longo do Ensino Médio.

Isabela: eu acho que o Ciep constrói muito isso. Porque é o lugar que eu ouvi muito. Muito mais que todos os anos na Pastor Gerson, “aqui o aluno não quer nada com nada”; “o Ciep empurra o aluno”; “passa empurrado”; tipo, “eles não alcançam a nota e todo mundo passa”. Porque eu vi que não era muito assim. Só da minha turma, entraram pra Rural que eu lembro, a Suzana⁴³, a Laura, não sei se o Caio tá fazendo faculdade. Então, tá vendo, se fosse isso as pessoas não viam perspectivas pra além daqui. Pensariam “Só quero, sei lá, terminar aqui e trabalhar com qualquer coisa” e... ah, tem o Miguel. Eu fiquei muito feliz, porque só da minha turma foram várias pessoas.

Isabela diz que não havia muitas conversas entre os colegas de turma a respeito das expectativas sobre *fazer faculdade* ou mesmo sobre outras coisas que pretendiam fazer após o término do Ensino Médio. Ela afirma que questionava os amigos quanto aos estudantes de Seropédica e o ingresso na Rural, e diz que observava a presença massiva de estudantes de outras cidades e/ou estados vindo estudar na universidade. Em sua avaliação, a escolha pela Rural traria fatores materiais positivos. A primeira coisa seria a possibilidade de ingresso no Ensino Superior próximo de suas residências, e porque *tem o fantasma⁴⁴ que leva pra Rural*. A preocupação de ordem econômica é um fator que aflige Isabela e Rodrigo.

Isabela: São poucas pessoas mesmo que se destacam em falar sobre isso, sobre pensar além. Muitas, eu lembro que não queriam mesmo. Eu lembro que eu tive conversas com amigos assim... eu questionava porque as pessoas não pensavam em entrar pra Rural. Eu falava “Ah, a Rural é aqui, sabe, pra gente”. Porque a maioria, não sei se a maioria, mas as pessoas são de longe, de outras cidades, de outros estados pra cá, e os daqui mesmo... não só por essa questão. Mas eu digo isso por uma questão de logística porque é perto, tem o fantasma que leva pra Rural. Por causa da passagem que também é mais barato... tudo conspira a favor e as pessoas nem.

⁴³ A fim de preservar a identidades dos estudantes mencionados, todos os nomes usados são fictícios.

⁴⁴ Apelido atribuído ao ônibus da UFRRJ que faz transporte de estudantes gratuitamente dentro e fora do campus universitário.

De acordo com a entrevistada, a família teria um papel importante de influenciar os estudantes quanto ao ingresso no Ensino Superior. Mas afirma não ter tido incentivo da mãe, que considera ter sido devido a sua baixa escolaridade. Por outro lado, esse papel teria sido desempenhado por outros agentes como amigos e professores.

Isabela: Pra mim, sei lá, eu acho que vai muito da família. Porque, por exemplo, eu levo isso com uma exceção, porque na minha casa são seis, minha mãe teve seis filhos. Só uma foi fazer faculdade. Eu acho que é uma questão muito da influência dos pais. De querer questionar os filhos e falar assim: “Ah, eu não consegui, mas eu quero que você alcance isso”. Porque foram coisas que eu ouvi de outros professores, de amigos, e dentro da minha casa não. Então foi algo que me motivou mais ainda, a querer ser diferente, por causa disso. Mas eu não culpo minha mãe. Mas eu acho que por uma questão também, ela só estudou até a sexta série. Então, não tem como você cobrar um pensamento mais evoluído, mais elaborado de uma pessoa que não tem um estudo, sabe. Não tem como. Eu penso hoje, assim, eu sendo professora vou poder ajudar pessoas que também não tinham perspectiva.

Ao falar sobre sua primeira experiência no Enem, Isabela diz ter percebido que o conhecimento acumulado ao longo de sua trajetória escolar era insuficiente para sua aprovação, tendo em vista o grau de exigência observado durante a realização da prova. Já em sua segunda tentativa, a jovem afirmou ter obtido melhor pontuação, o que ela avalia como sendo resultado de diferentes fatores, entre eles: a experiência obtida anterior que a fez tomar aquilo *como um alvo*; o empenho em estudar, sozinha, ao longo do ano para se preparar melhor; e a familiaridade com o tema proposto na redação⁴⁵, que trazia para o debate uma realidade vivenciada dentro de sua própria casa durante o período que sua mãe foi casada com seu padrasto, sendo ela vítima de violência doméstica.

Isabela: Gente, eu não sei nada. Eu tenho que estudar muito ainda pra conseguir. Porque na primeira, a minha média foi trezentos e alguma coisa. Isso na redação, bem baixa. É uma diferença muito grande de uma prova pra outra. Porque minha média foi bem baixa de uma prova pra outra. E depois, eu tava ciente, aquilo como um alvo mesmo. Mirando naquilo, eu falei assim: “eu quero mesmo”. Então teve uma mudança bem grande. Tipo, eu não considero minha nota na redação grande coisa, mas eu tirei 720. Assim eu falei: “nossa, foi muita coisa”. Até mesmo por questão do tema, porque dependendo do tema você vai escrever melhor ou pior. Eu não lembro ao certo, mas acho que a que eu passei foi a sobre violência contra mulher, e também era uma coisa que eu vivenciei em casa, néh?! Porque minha mãe sofreu muito. E quando eu fiz a prova, só veio o que eu passei na minha cabeça.

⁴⁵ Em 2015 o tema proposto na redação do Enem versava sobre “A persistência da violência contra mulher na sociedade brasileira”.

Isabela nunca foi reprovada durante o ciclo básico, tendo estado de recuperação pela primeira vez quando ingressou no Ensino Médio. De acordo com a mesma, sua primeira reprovação veio durante o primeiro período do curso de Letras, que ela afirma ter sido muito difícil, pois ainda não estava acostumada com a dinâmica e o ritmo da universidade, pois *foi um universo totalmente diferente, que eu não tinha contato, e até hoje eu vejo isso, que tem gente que por ter contato com alguém da família que faz, sabe como funciona.*

A inserção de estudantes das camadas populares, oriundos da rede pública estadual do município de Seropédica no Ensino Superior é qualificada dentro das representações de professores, diretores e dos próprios estudantes como trajetórias *bem sucedidas*, que consolidam as expectativas de *sucesso escolar*. Fazendo frente a essas representações, tem-se a imagem do estudante que *não quer nada com os estudos*, que ao serem produzida homogeneízam os percursos formativos e as trajetórias de vida entre os que, por motivos diversos, interromperam os estudos em alguma etapa do ciclo básico; ou mesmo daqueles que desempenham, segundo as expectativas, o papel do *bom estudante*.

Os modelos macrosociológicos de análise nos permitem compreender caracterização de classes ou grupos sociais em que é possível, por exemplo, analisar os processos que levam a maioria desses estudantes a não ingressarem no Ensino Superior. Em diálogo com essa perspectiva, apresentamos uma abordagem macrosociológica que nos auxiliou nas análises sobre as múltiplas experiências de socialização vividas por esses estudantes e a diversidade dos contextos de ação em que os mesmos operam a partir das disposições incorporadas, como proposto por Lahire (1997). O percurso formativo e de vida de Rodrigo e Isabela, jovens negros, em condições de desprivilegio material e cultural, caracterizam-se como exemplo de casos de *sucesso escolar improvável*, em que se têm marcadores sociais como raça e origem social como fatores de peso sobre o prolongamento de estudos entre jovens que compõem o mesmo perfil que os estudantes mencionados, como mostra as estatísticas sobre educação, e em específico, sobre as possibilidades desses grupos ingressarem no Ensino Superior.

Ao retomarmos as trajetórias de Rodrigo e Isabela, observamos que, embora eles possuam origem social semelhante aos demais estudantes que compõem o perfil dos entrevistados, assim como o universo estudantil que configura a rede pública estadual do município, no que tange sua origem socioeconômica e raça, uma série de experiências socializadoras vivenciadas proporcionaram a ambos uma trajetória distinta em seus processos de ensino e aprendizado e na sua relação com a instituição escolar.

Esse fator caracteriza-se como elemento que distingue esses atores dentro de seu próprio grupo de origem, nos permitindo compreender, a partir de uma análise empírica, os processos de incorporação das disposições por meio dos diferentes espaços de socialização e ação desses jovens. De acordo com Lahire (1997) o passado incorporado também é resgatado, e o impulsionamento que esses fatores têm para o sucesso escolar improvável é consolidado no ingresso desses jovens na Universidade Rural.

Observa-se que em ambos os casos, a ausência da ordem material familiar marca todo o processo de formação escolar desses jovens no que se refere ao papel que desempenha na sustentação da escolarização. Porém, Lahire (1997) afirma que além do provimento e da estabilidade material, a ordem material e as disposições econômicas também estão relacionadas ao processo de internalização das disposições à racionalização das condições presente, que influi na produção de expectativas quanto a melhorias materiais e simbólicas enquanto projetos de futuro. Mas como pontua Lahire (1997: 24) “Sejam quais forem às condições materiais, sem as técnicas intelectuais apropriadas (...) não há círculo racional possível”.

Outros fatores que marcam as trajetórias dos entrevistados envolvem à incorporação das disposições da moral do bom comportamento, do esforço e da perseverança que se junta à conformidade ao cumprimento de regras. Segundo Lahire (1997), esses traços vão estar relacionados, de forma não intencional ou consciente, para o bom desempenho escolar. A disciplina na realização dos afazeres escolares e na manutenção de uma rotina diária de estudos também pode ser compreendida como reflexos da inculcação dessas disposições de ordem moral doméstica que coordenam o pensamento a partir da produção de estruturas cognitivas (Lahire, 1997). Apesar da família de Isabela e Rodrigo dispor de baixo capital cultural, as trajetórias dos jovens são marcadas pela definição de obrigações, seja ela relacionada aos estudos, aos cuidados da casa e irmãos mais novos, com estabelecimento de horário e rotina que são percebidas nas experiências de socialização desses estudantes em seus processos de escolarização.

CONCLUSÃO: TÃO PERTO E AINDA TÃO DISTANTE – A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO SOBRE O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

A fim de refletir sobre as expectativas de acesso ao Ensino Superior entre estudantes das camadas populares, o esforço reflexivo deste trabalho concentrou-se em mapear e analisar as percepções e expectativas que estudantes do terceiro ano das escolas públicas estaduais, do município de Seropédica, possuem sobre *fazer faculdade*. Ainda, buscou-se analisar a trajetória escolar e de vida de egressos dessas unidades de ensino que atualmente estudam na UFRRJ.

O quadro teórico mobilizado pela pesquisa retomou as contribuições de Pierre Bourdieu para a análise dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais, resgatando os conceitos de *habitus*, campo e capital cultural, e de Bernard Lahire para a análise das trajetórias dos estudantes que fogem as regularidades apresentadas pelas estatísticas, de forma a abarcar as diversidades de experiências e processos de socialização que, segundo o autor, representam os casos improváveis de sucesso escolar.

De acordo com Bourdieu (2014), a escola atua como mecanismo de perpetuação das desigualdades sociais produzidas na relação entre grupos privilegiados, educação e professores. Nesse conjunto, os privilégios, fatores socialmente produzidos, são transcritos como talentos individuais, méritos ou dons, e que, no sistema escolar, configuram-se como elementos de distinção. Os fatores culturais possuem maior peso no que diz respeito às escolhas dos agentes, logo, as expectativas de ingressar no Ensino Superior são produzidas a partir do capital cultural incorporado e na formação do *habitus*. Se por um lado, *fazer faculdade* é algo naturalizado pelo *habitus* nas escolhas de jovens pertencentes a camadas sociais mais elevadas; por outro, para jovens das camadas sociais desprivilegiadas é um fato, na maioria das vezes, improvável, apesar das expectativas apresentadas. Isso porque desde o primeiro ciclo da educação básica até o Ensino Superior, o sistema educacional tem como premissa a produção de estruturas mentais que estão intrinsecamente relacionadas à reprodução das estruturas sociais, incorrendo para a manutenção de uma sociedade altamente estratificada e justificada com base na racionalidade meritocrática.

A teoria da ação de Pierre Bourdieu nos auxiliou a pensar os processos de reprodução das desigualdades sociais numa perspectiva macrosociológica, e junto a isso, a análise de Bernard Lahire trouxe alternativas complementares para compreensão dos casos que fogem a regularidade. Para este autor, quando se toma um grupo social como referência, ele é pensado de forma mais homogênea, pois isso envolve a

incorporação de um conjunto de disposições que são socializadas em determinado contexto em que operam de forma a orientar as ações desses agentes. Porém, essa caracterização nos limita quanto à análise das trajetórias dos indivíduos, pois ao longo de suas vidas circulam em diferentes contextos sociais, adquirindo experiências diversas, e isso vai refletir na incorporação de um conjunto de disposições múltiplas.

O desenvolvimento da pesquisa contou com o uso de metodologias qualitativas e quantitativas. Os principais procedimentos consistiram na aplicação de um questionário para 295 estudantes do terceiro ano de sete escolas do município e a realização de entrevistas em profundidade com dois estudantes da UFRRJ, egressos da rede pública estadual de Seropédica. A hipótese inicial baseava-se na premissa do baixo interesse/expectativa entre os estudantes entrevistados quanto ao ingresso no Ensino Superior e maiores expectativas quanto ao ingresso no mercado de trabalho. No entanto, os dados revelaram que o interesse em ingressar no Ensino Superior aparece nas expectativas de mais da metade dos entrevistados, indicando as pretensões em permanecer estudando. Ingressar na universidade aparece em maior proporção em comparação aos outros caminhos de interesses apresentados por esses jovens. O ingresso no mundo do trabalho também é um dado significativo, pois se a relação trabalho e escola é apontada por muitos professores como um dos fatores que incidem negativamente sobre o nível de rendimento, frequência e permanência nos estudos, por outro, o trabalho é lido por esses estudantes como estratégia para *fazer faculdade*. Porém, se fazer faculdade tem se mostrado como projeto de futuro para esses estudantes, os dados do perfil socioeconômico revelam as desigualdades quanto às expectativas e possibilidades de chances, em que pese os fatores como origem social; autodefinição de cor/raça; distorção idade-série; grau de escolarização e tipo de ocupação desempenhada pelos pais; acesso a cursos, bens culturais; experiência de trabalho anterior e atual. Todas essas variáveis apresentam-se como indicadores que revelam que, para estes estudantes, as chances reais de ingresso no Ensino Superior são menores do que para estudantes de origem social mais elevada, principalmente no acesso as instituições federais de ensino.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, JED, CAVENGHI, S. BARROS, LFW. A transição religiosa brasileira e o processo de difusão das filiações evangélicas no Rio de Janeiro, PUC/MG, Belo Horizonte, Revista Horizonte – Dossiê: Religião e Demografia, v. 12, n. 36, out./dez. 2014, pp. 1055-1085 DOI=10.5752/P.2175-5841.2014v12n36p1055

ALVES, JED. Os Papas, os pobres e a perda de hegemonia dos católicos no Brasil, Ecodebate, RJ, 31/07/2013.

ATLAS do Desenvolvimento Humanos do Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso: 04 ago. de 2019.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Guia para a pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007. Ler Cap. 1, “Escolher um tema e um campo”.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Guia para a pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007. Capítulo 4, "Observar".

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Os Herdeiros: os estudantes e a cultura. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Espaço social e espaço simbólico. In: _____. Razões práticas. Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papius, 1996.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: _____. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990

_____. A economia das trocas simbólicas (5a ed.). São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura (Gouveia, A. J., Trad.). In Nogueira, M. A. & Catani, A. (Orgs.). Escritos e Educação (pp. 39-64). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. Esboço de auto-análise. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

D'ÁVILA, José Luís. Trajetória escolar: investimento familiar e determinação de classe Educação e Sociedade v. 19, n.62, p. 31-63, 1998.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: A aventura antropológica: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra; 2004.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br>

_____. Censo Demográfico 2010. Educação e deslocamento. Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/> >.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Microdados Enem 2009-2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/microdados>. Acesso em jul. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2018. Brasília: MEC, 2019.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: razões do improvável. São Paulo: Editora Ática, 1997

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1997. Um Diário no sentido estrito do termo. Rio de Janeiro: Record.

MARIANO, R. C. “Políticas de democratização e acesso ao Ensino Superior na Baixada Fluminense e Zona Oeste do Rio de Janeiro: Estudo da política de ingresso via REUNI e SISU da UFRRJ”. Monografia – UFRRJ. Rio de Janeiro, p.68. 2014.

MILLS, Wright. Do artesanato intelectual. In: A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1969 [1959]. -pp. 211-243.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. Classificação Brasileira de Ocupações: CBO – 2010 – 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. v. 3 196 p. Disponível em:<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>. Acesso: 16 jun. de 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Ensino Superior. A democratização e expansão da educação superior no país: 2003 – 2014. (Balanço Social 2003 2014) Brasília, 2015b. In: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192

MONTANGNE, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 240-264. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-45222007000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em 20 set. de 2019.

OLIVE, Arábela Campos. In: Maria S. A. Soares (Coord.). A Educação Superior no Brasil. CAPES, 2002.

Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. O que é o REUNI. Ministério da educação- MEC. Disponível em: http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=28. Acessado em 04 dez. de 2018.

PICANÇO, Flavia. Juventude e Acesso ao Ensino Superior no Brasil: Onde está o alvo das políticas de ação afirmativa. Vol. 51, No. 1., 2016, Latin American Studies Association.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LUCENA, Célia Toledo et alli (orgs). Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: CERU, 2008, pp 15 -34.

SILVA, Jaílson de S. Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

SILVEIRA, A.L. “2007” e a derradeira invasão do “templo sagrado da intelligenzia”. In: A UFRRJ do tempo recente: relações entre a oferta de graduações e a sua vocação rural. 2011. 223 p. Tese.

TEIXEIRA, Anísio. Ensino Superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989. 212p.

VIANA, Maria J. B. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidades. 414 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

ZAGO, Nadir. Do acesso a permanência ao Ensino Superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32, pp.226-237 maio/ago, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782006000200003>. Acesso: 18 jan. de 2018.

_____. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: Questionamentos e tendências em sociologia da educação. Revista Luso Brasileira, V 2(3), 57-83, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17155/17155.PDFXXvmi>. Acesso: 18 jan. de 2018.

ANEXOS:**Tabela 7 - Bairros segundo município de moradia**

Bairros	Municípios					Total
	Seropédica	Nova Iguaçu	Itaguaí	RJ	Piraí	
Boa Esperança	49	1	-	-	-	50
Cabral	1	-	-	-	-	1
Campo Lindo	40	-	-	-	-	40
Centro	3	-	1	-	-	4
Ecologia	2	-	-	-	-	2
Fazenda Caxias	27	-	-	-	-	27
Incra	2	-	-	-	-	2
Jardim Maracanã	17	-	-	-	-	17
Jardins	10	-	-	-	-	10
Nazareth	-	1	-	-	-	1
Parque Jacimar	4	-	-	-	-	4
Piranema	1	-	-	-	-	1
Santa Sofia	14	-	-	-	-	14
São Miguel	14	1	-	-	-	15
Outro	-	2	-	-	-	2
Não sei	-	1	-	-	-	1
Jardim Paraíso	-	20	-	-	-	20
Prados Verdes	-	27	-	-	-	27
Jardim Guandú	-	19	-	-	-	19
Lagoinha	1	14	-	-	-	15
Jardim das Acácias	2	-	-	-	-	2
Parque todos os Santos	-	1	-	-	-	1
Campo Grande	-	-	-	3	-	3
Km32	-	6	-	-	-	6
Km39	-	1	-	-	-	1
Km37	-	2	-	-	-	2
Bela Vista	-	1	-	-	-	1
Vera Cruz	1	-	-	-	-	1
Marapicui	-	1	-	-	-	1
Casas Novas	-	1	-	-	-	1
UFRRJ	1	-	-	-	-	1
Jardim São Jorge	1	-	-	-	-	1
Cacaria	-	-	-	-	1	1
Total	190	100	1	3	1	295

Tabela 8 - Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)

Grandes grupos	
G0	Membros das forças armadas, policias e bombeiros;
G1	Membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas, gerentes;
G2	Profissionais das ciências e das artes;
G3	Técnicos de nível médio;
G4	Trabalhadores de serviços administrativos;
G5	Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados;
G6	Trabalhadores agropecuários, florestais e da pesca;
G7	Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais;
G8	Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais;
G9	Trabalhadores em serviços de reparação e manutenção;

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Organizado por: Carvalho, J.G.

Tabela 9 - Ocupação da Mãe

Ocupação da Mãe	
Administrativo	Dona de casa
Ajudante de cozinha	Dona de casa e vendedora **
Aposentada	Empregada doméstica
Aposentada (enfermeira)	Empresária
Atendente	Escrivã
Autônoma	Explicadora
Auxiliar administrativo	Faxineira
Auxiliar de creche	Floricultura
Auxiliar de limpeza	Fotografa
Auxiliar de saúde bucal	Funcionária pública
Auxiliar de serviços gerais	Gerente
Babá	Gerente de caixa
Balconista	Gerente de loja
Beneficiário do INSS	Inspetora
Cabeleireira	Instrumentadora cirúrgica
Cabeleireira /manicure**	Lavadeira
Caixa	Manicure
Catadora	Manicure e pedicure**
Chefe de cozinha	Maquiadora
Chefe de frente de loja (supermercado)	Merendeira
Comerciante	Professora
Comercio	Promotora
Confidencial	Promotora de vendas
Conselho tutelar	Secretária (escritório do pai)
Consultora autorizada	Serviços gerais
Coordenadora	Técnica em enfermagem
Copeira	Trabalha em creche particular
Costureira	Trabalha em escola
Cozinheira	Trabalha em restaurante
Cuidadora de crianças (em casa)	Trabalha na fábrica da direct
Cuidadora de idoso	Trabalha no bar
Deficiente física	Trabalha no posto
Desempregada	Vendedora de doces e salgados
Diarista	Vendedora
Diretora	Vendedora de bolo
Doceira	Vendedora de plano de saúde
Doméstica *	

* Durante o preenchimento dos questionários alguns estudantes debatiam entre si a respeito do sentido empregado ao termo, podendo, em alguns casos, ter sido utilizado para referir-se a do lar/dona de casa.

** Compreende-se que nesses casos o respondente informa que sua mãe possui duas ocupações.

Tabela 10 - Ocupação do Pai

Ocupação do pai		
Açougueiro	Encarregado de obras	Operador de gráfica
Advogado	Engenheiro *	Operador de máquinas
Agente penitenciário	Estoquista	Operador master
Agropecuário	Estofador	Operadora de máquina
Agropecuária	Ex servidor público	Panfletista
Ajudante	Faxineiro/porteiro	Pedreiro
Ajudante de jardineiro	Falecido	Pedreiro (faz tudo)
Ajudante de pedreiro	Faz biscate	Pintor
Aposentado	Feirante	Pintor de transporte
Armador	Floricultura	Porteiro
Arquitetura	Frentista	Refrigeração
Autônomo	Funcionário público	Representante comercial
Auxiliar de porteiro	Gari	Roçador de rua na prefeitura
Bar	Gerente de mercado	Segurança
Bombeiro	Gerente de obra	Segurança pública
Borracheiro	Guarda municipal	Servente
Cabelereiro	Instalador de antena	Serviços gerais
Caminhoneiro	Lanterneiro	Soldador
Caseiro	Lubrificador de máquinas industriais	Soldador e vendedor**
CCC - concessões rodoviárias	Marinheiro	Soldador/segurança**
Chefe de obra	Mecânico	Sondador
Chefe de segurança	Mecânico hidráulico	Supervisor
Cobrador de ônibus	Mecânico/caminhoneiro**	Técnico de laboratório
Com cargas	Mercado	Técnico em refrigeração
Comerciante	Mestre de obra	Torneiro mecânico
Confecção de camisas	Milícia	Trabalha de segurança
Confidencial	Montador de andaime	Trabalha em charqueada
Construção civil	Moto taxi	Trabalha no Ceasa
Contador	Motorista (vazador)	Trabalhador rural
Cozinheiro	Motorista de aplicativo	Transportador de cargas pesadas
Desempregado	Motorista de caminhão	Vendedor
Eletricista	Motorista de ônibus	Vendedor de churrasquinho na UFRRJ
Empilhador	Motorista socorrista	Vendedor de loja
Empresário de jogador	Operador	Vendedor de peças GM
Encarregado	Operador de empilhadeira	Vigilante

*Está informação pode não corresponder a ocupação real do respondente, tendo em vista que o grau de escolaridade do pai informado corresponde ao Ensino Médio.

** Compreende-se que nesses casos o respondente informa que seu pai possui duas ocupações.

Tabela 11 - Ocupação do responsável

Ocupação do responsável	
-Aposentado	-Desempregado
-Auxiliar de serviços gerais	-Dona de casa
-Barbeiro	-Empresária
-Comerciante	-Operador de balanças
-Consultora hinode	-Pedreiro mestre de obras
-Costureira	-Pintor industrial

Tabela 12 - Cursos de qualificação e aperfeiçoamento profissional realizados pelos estudantes

Cursos	Total	%
Informática	100	46,7%
Línguas (Inglês, espanhol, etc)	48	22,4%
Administração	14	6,5%
Gestão empresarial	7	3,3%
Técnico em enfermagem	6	2,8%
Eletricista / Eletromecânica / Eletrotécnica	4	1,9%
Fotografia/Musica/Teatro	4	1,9%
Técnico em agroecologia / Meio ambiente	4	1,9%
Outros (*não informados)	3	1,4%
Barbeiro	3	1,4%
Pré-vestibular/Pré-Enem/Pré-Militar	3	1,4%
Operador de empilhadeira	2	,9%
Técnico em mecânica a diesel / Industrial	2	,9%
Hospedagem	2	,9%
Auxiliar de veterinário	1	,5%
Balconista de Farmácia	1	,5%
Contabilidade	1	,5%
Designer gráfico	1	,5%
Fotografia	1	,5%
Logística	1	,5%
Técnico em tecnologia da informação	1	,5%
Designer Gráfico	1	,5%
Word	1	,5%
Montagem e Manutenção	1	,5%
Cabeleireiro	1	,5%
DJ	1	,5%
Total	214	100%

Tabela 13 - Ocupação dos estudantes entrevistados

Atividades laborais desempenhadas	
-Ajudante	-Fotografia e dança
-Atendente /garçõnete de restaurante**	-Jogador de futebol
-Auxiliar de professora	-Lanchonete
-Auxiliar de serviços industriais	-Lava jato
-Babá	-Lava jato, lanchonete**
-Barbearia	-Office girl
-Bico	-Padeiro
-Caixa	-Pintor
-Catador	-Professor de reforço
-Comércio	-Estagiária (professora)
-Cozinheira	-Professora de reforço
-Cuidadora de criança	-Recepcionista e garçõnete**
-Cuidadora de idoso; doméstica**	-Revendedora
-Cuidador de gado	-Salão de festas
-Designer gráfico	-Trabalho no trailer
-Do lar	-Vendedor de cosméticos
-Empregada doméstica	-Vendedor de trufas

** Estudantes que desempenham mais de uma ocupação

Tabela 14 - Cursos de interesses por área de concentração

Cursos segundo área de concentração	
Ciências Agrárias	Agronomia; Medicina Veterinária.
Ciências Biológicas	Biologia.
Ciências da Saúde	Educação Física; Enfermagem; Estética; Farmácia; Fisioterapia; Medicina; Nutrição; Radiologia.
Ciências Exatas e da Terra	Informática; Matemática.
Ciências Humanas	Arqueologia; Ciências Sociais; Geografia; História; Pedagogia; Psicologia; Relações Internacionais; Teologia.
Ciências Sociais Aplicadas	Administração; Contabilidade; Direito; Gastronomia; Hotelaria; Jornalismo.
Engenharias	Engenharia; Engenharia Civil; Engenharia de Alimentos; Engenharia de Produção; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Naval; Engenharia Química.
Linguística, Letras e Artes	Belas Artes; Fotografia; Letras; Moda; Música.

Fonte: Capes. Organizado por: Carvalho, J.G.

Tabela 15 - Cursos de interesse entre os estudantes entrevistados %

Cursos	Total	%	Cursos	Total	%
Direito	23	12,4%	Letras	2	1,1%
Educação Física	20	10,8%	Hotelaria	2	1,1%
Psicologia	16	8,6%	Nutrição	2	1,1%
Medicina Veterinária	15	8,1%	Matemática	2	1,1%
Administração	15	8,1%	Música	2	1,1%
Medicina	10	5,4%	Informática	2	1,1%
Pedagogia	7	3,8%	Agronomia	2	1,1%
História	5	2,7%	Engenharia Elétrica	1	,5%
Enfermagem	5	2,7%	Farmácia	1	,5%
Belas Artes	5	2,7%	Moda	1	,5%
Engenharia Química	5	2,7%	Engenharia de Produção	1	,5%
Contabilidade	4	2,2%	Engenharia Naval	1	,5%
Ciências Sociais	4	2,2%	Engenharia	1	,5%
Gastronomia	4	2,2%	Teologia	1	,5%
Biologia	4	2,2%	Relações Internacionais	1	,5%
Geografia	3	1,6%	Arqueologia	1	,5%
Engenharia Civil	3	1,6%	Engenharia Mecânica	1	,5%
Fisioterapia	3	1,6%	Radiologia	1	,5%
Jornalismo	3	1,6%	Fotografia	1	,5%
Química	2	1,1%	Estética	1	,5%
Filosofia	2	1,1%	Engenharia de Alimentos	1	,5%